

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

EDILÂNIA DOS SANTOS PINTO

GAZETA DO ARACAJU (1879-1888): história e características de um
periódico sergipano oitocentista

São Cristóvão
2018

EDILÂNIA DOS SANTOS PINTO

GAZETA DO ARACAJU (1879-1888): história e características de um
periódico sergipano oitocentista

Trabalho de Conclusão de Curso II,
apresentado ao Departamento de Ciência
da Informação da Universidade Federal de
Sergipe para obtenção do grau de bacharel
em Biblioteconomia e Documentação.

Orientador: Profa. Ma. Glêyse Santos
Santana

São Cristóvão
2018

Pinto, Edilânia dos Santos

P659g Gazeta do Aracaju: história e características de um periódico sergipano oitocentista / Edilânia dos Santos Pinto; orientadora profª. Me. Gleyse Santos Santana. – São Cristóvão, 2018.

f.69: il.

Monografia (graduação em Biblioteconomia e Documentação) –
Universidade Federal de Sergipe. 2018

1. Imprensa. 2. Periódicos. 3. Gazeta do Aracaju. I. Santana, Gleyse Santos, orient. II. Título.

CDU 070(813.7)

CDD 070

**GAZETA DO ARACAJU (1879-1888): história e características de um periódico
sergipano oitocentista**

EDILÂNIA DOS SANTOS PINTO

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de
Ciência da Informação da
Universidade Federal de Sergipe
para obtenção do grau de bacharel
em Biblioteconomia e
Documentação.

Nota: _____

Data de
apresentação: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Glêyse Santos Santana

Prof.Dr. Valéria Aparecida Bari (Membro Interno – UFS)

Prof. Me. Wanderlei, de Oliveira Meneses (Membro Externo -UFS)

Prof. Ma. Rosane Guedes da Silva (Membro Externo – UFS)

Dedico a minha família, amigos e a minha orientadora!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me dado força e persistência para vencer todas as dificuldades, não só na jornada acadêmica, mas também, ao longo de minha vida.

À Universidade Federal de Sergipe, pela oportunidade de realização do curso Biblioteconomia e Documentação.

À minha orientadora Profa. Ma. Glêyse Santos Santana, por exigir de mim muito mais do que eu supunha ser capaz de fazer, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos. Por fazer do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) uma experiência positiva, sempre estando ali me orientando e dedicando parte do seu tempo a mim. Meus sinceros agradecimentos.

Agradeço a todos os professores do Núcleo de Ciência da Informação (NUCI) por me proporcionar o conhecimento para o processo de formação profissional.

Aos professores membros da banca examinadora pela disponibilidade e pelas contribuições acerca desta pesquisa.

Aos familiares por torcer e vibrar pela minha Graduação, em especial, ao meu esposo Warlles, pela paciência e tolerância nesses quatro anos de vida acadêmica.

Aos colegas da graduação e a todos aqueles que de alguma forma contribuíram ou torceram pela concretização desta pesquisa.

Meu eterno agradecimento ao Bibliotecário Luís Gustavo de Miranda pelos ensinamentos dedicados e valiosos realizados no meu estágio supervisionado.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

Apresenta em primeiro lugar um histórico do surgimento da imprensa ao longo de século XIX, com enfoque nos estudos sobre impressos no Brasil e em Sergipe e, em especial, os periódicos. Neste sentido objetivou-se investigar a criação e o desenvolvimento da Gazeta do Aracaju. Apresentar aspectos histórico-sociais acerca da cultura tipográfica no Brasil. Situar Sergipe no contexto dos impressos no século XIX. Discorrer acerca da criação e principais características do jornal A Gazeta do Aracaju, de propriedade do Monsenhor e líder político conservador sergipano Olympio Campos. O referido periódico foi dos mais importantes e contundentes veículos de informação a circular na Província de Sergipe no século XIX, intitulando-se como um jornal político e noticioso. Contudo, constituiu-se um jornal partidário e combativo que reunia políticos e intelectuais sergipanos.

Palavras-chave: Imprensa, Periódicos, Gazeta do Aracaju.

ABSTRACT

It presents first a history of the emergence of the press throughout the nineteenth century, focusing on studies on printed matter in Brazil and in Sergipe, and especially the periodicals. In this sense, the objective was to investigate the creation and development of the Gazeta do Aracaju. To present historical-social aspects about typographic culture in Brazil. Situate Sergipe in the context of printed matter in the nineteenth century. Discuss about the creation and main characteristics of the newspaper A Gazeta do Aracaju, owned by Monseigneur and conservative Sergipe political leader Olympio Campos. This periodical was one of the most important and forceful information vehicles to circulate in the Province of Sergipe in the nineteenth century, titling itself as a political and news newspaper. Nevertheless, a combative partisan newspaper was constituted that reunited politicians and intellectuals sergipanos.

Keywords: Press, Newspapers, Gazeta do Aracaju.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Imagem de capa do Recompilador Sergipano.....	43
Figura 02: Monsenhor Silveira	44
Figura 03: Jornal A Crença	48
Figura 04: Gazeta do Aracaju	50
Figura 05: Monsenhor Olympio Campos	54
Figura 06: Jornal de Sergipe	57
Figura 07: Echo Liberal.....	59

LISTA DE SIGLAS

ABI - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA

ALCAR - ASSOCIAÇÃO DOS PESQUISADORES DE HISTÓRIA DA MÍDIA

BN – BIBLIOTECA NACIONAL

DCI - DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

IHGSE- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE

IHGB – INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

UFS - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
REFERENCIAL TEÓRICO	17
2. DESENVOLVIMENTO DA IMPRESSÃO TIPOGRÁFICA	17
2.1 Antecedentes da Imprensa	17
2.2. Criação da Imprensa Escrita	19
2.3 A Imprensa no Brasil	22
2.4 A Expansão do Jornalismo no século XIX	29
2.5 Os periódicos como fonte e objeto de estudo	31
2.5.1 Aspectos relevantes no estudo de um periódico como objeto de pesquisa	34
3. METODOLOGIA	37
4. NOTAS DA PROVÍNCIA DE SERGIPE E DA IMPRENSA OITOCENTISTA	40
4.1 Notas acerca da Imprensa sergipana	42
5. A GAZETA DO ARACAJU (1879-1888)	50
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66

1 INTRODUÇÃO

Embora a ideia original da oficina de impressão tenha sido desenvolvida pelos chineses no século I, esse projeto não foi levado adiante. Já Johannes Gutenberg conseguiu finalizá-lo no século XV e a invenção da máquina impressora foi um divisor de águas que permitiu a reprodução de informações com maior velocidade (LYONS, 2011).

Por sua vez, o papel foi de fundamental importância para o início da produção de textos e da comunicação impressa, sendo também imprescindível para que se rompesse com o segredo de informações antes controladas pelo Estado e pela Igreja. Passou-se a gerar uma demanda pela troca de informações, que foi intensificada pelo acesso paulatino da população à leitura e à escrita. A produção da cultura escrita foi acelerada pelo uso do papel e pela impressão em larga escala (HALLEWELL, 2011).

Os periódicos, panfletos e libelos passaram a se desenvolver motivados pelo renascimento do comércio e das cidades. Para Thompson (1998, p.20) “os meios de comunicação são rocas de fiar no mundo moderno e ao usar estes meios, os seres humanos fabricaram teias de significados para si mesmos”.

Já o marco da cultura impressa foi a impressão da Bíblia no ano de 1452, mais um feito da oficina de Gutenberg (1398-1468). Ele foi ainda o grande responsável pela criação dos tipos móveis em metal, que tinham capacidade de impressão no papel, com uma tinta fabricada por ele mesmo. Daí em diante passou a ser impressos grande número de obras. E foram lançadas também as bases para a publicidade impressa (LYONS, 2011).

Giovanni Giovanini (1987, p.111), “os impressos, com tudo que contêm, envolvem interesses jurídicos, econômicos e comerciais, tanto mais relevantes quanto mais se desenvolve seu papel de potencial de difusão popular”.

Foram muitas as vantagens que o tipo gráfico trouxe, dentre elas, a grande capacidade de produção, velocidade na distribuição, uniformidade nos textos e imagens, menor custo e menor tempo de produção por unidade. A união comercial entre Europa e Ásia que acabou por favorecer o desenvolvimento da tecnologia gráfica (HALLEWELL, 2011). Já Pedro Souza

(2003), afirma que o que contribuiu para a explosão da comunicação foram as grandes descobertas científicas e tecnológicas, o crescimento do comércio e a invenção da tipografia.

Assim, a história dos periódicos impressos está atrelada a expansão do papel como suporte de informação e ao desenvolvimento da sociedade capitalista, ou seja, tal veículo informativo está diretamente ligado à ascensão da burguesia como grupo social detentor de poder econômico. Para esse grupo, a propaganda e suas aspirações econômicas e políticas estavam relacionadas. A partir desse fato, avolumaram-se as notícias impressas e paulatinamente surgiram diversos periódicos em todos os países ocidentais (MELO, 2005).

Surgiram assim os primeiros impressos, os libelos, folhas de caráter opinativo, as gazetas com informações sobre atualidades e os folhetos com notícias. A combinação desses três tipos de impressos no século XVII, deram o caráter jornalístico da época. Os jornais apareceram como espaço de debates públicos e de início se dedicaram a escrever sobre assuntos literários e culturais, mas com o passar do tempo acabaram por abordar assuntos de grande interesse social e político (MELO, 2005).

A criação da imprensa foi segundo Jorge Pedro Souza (2003), o primeiro passo para a democratização da cultura, mesmo tendo desencadeado a uniformização de modelos produzidos em série (standardização) e a simplificação das mensagens. Antes da indústria da comunicação, a compreensão do tempo passado e dos lugares distantes se fazia por pessoas que mantiveram contato com essas realidades. Esse panorama se altera com a informação que foi responsável pelo contínuo desenvolvimento dos impressos de forma sistemática em todo o Ocidente. Muitos foram os periódicos, revistas, gráficas e livrarias que começaram a despontar.

No Brasil, contudo, a imprensa escrita somente foi legalizada depois da transferência da Corte portuguesa em 1808. Mas, mesmo assim, espalhou-se a partir do Rio de Janeiro, por todo o Império, chegando a Província de Sergipe d'el Rey em 1832 com *O Recompilador Sergipano*, primeiro periódico local, na vila de Estância.

Seguiram-se a ele muitos outros veículos de jornalismo impresso. Um deles foi a *Gazeta do Aracaju*. Era um jornal político e noticioso que foi

criado pelo partido conservador, sendo seu proprietário o Monsenhor Olímpio Campos de Souza (1853-1906).

A Gazeta do Aracaju circulou da edição de 4 de junho de 1879 ao ano de 1888. Tinha como seus autores e colaboradores: Olímpio Campos de Souza, Pelino Francisco de Carvalho Nobre (1839-1907), Brício Cardoso (1844-1824), Nobre de Lacerda, Coelho e Campos (1843-1919), e Severiano Cardoso (1840-1907). A impressão era realizada na Typografia da Crença, na rua Itaporanga, nº 20, centro de Aracaju. Era um jornal conservador e foi durante os últimos tempos da monarquia um dos jornais mais importantes de Sergipe.

Ao observar a trajetória da imprensa em Sergipe no Império, uma questão se apresentou. *Como se deu a criação e o desenvolvimento do periódico Gazeta do Aracaju na Província de Sergipe (1879-1888)?*

Dito isto o tema dessa pesquisa, intitulada *Gazeta do Aracaju (1879-1888) história e características de um periódico sergipano*, está inserido na linha de pesquisa Informação e Sociedade do Departamento de Ciência da Informação (DCI), do curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Dessa forma, entendendo-se que a história do livro e dos impressos ainda está por se desenvolver no estado, pretende-se contribuir com essa questão, abordando um periódico local ainda não estudado, buscando apresentar suas características enquanto impresso, ou seja, suas características materiais, bem como situá-lo no contexto histórico de Sergipe à época.

Dessa maneira, este estudo possui como objetivo geral investigar a criação e desenvolvimento da Gazeta do Aracaju (1879-1888). Como objetivos específicos buscar-se-á: apresentar aspectos histórico-sociais acerca da cultura tipográfica e no Brasil do século XIX; situar Sergipe no contexto dos impressos no século XIX, buscando compreender as condições que possibilitaram o desenvolvimento da imprensa local; pesquisar acerca do funcionamento da Gazeta do Aracaju (1879-1888), buscando apresentar dados acerca de sua criação, materialidade, tendências políticas, estratégias de informação, bem como dos seus principais colaboradores, os quais integraram essa fase da história dos periódicos em Sergipe.

Dessa forma, este trabalho se justifica em primeiro lugar, pelo fato da Gazeta do Aracaju ter exercido um papel de grande importância no meio jornalístico sergipano na segunda metade do século XIX, devido a suas duplicações e por aglutinar diversos nomes da intelectualidade sergipana, todos membros do grupo político conservador e comandados pelo senhor de engenho, político e clérigo, o Monsenhor Olímpio Campos. Em segundo lugar, porque os periódicos, reconhecidos como importante fonte para o estudo do social, passaram também, como veículos informativos que são, a ser objeto de estudo. A partir de sua materialidade (forma material do impresso) e registros assinados por eminentes intelectuais sergipanos da época, é possível se perceber a que grupo social estava ligado esse grupo editorial, qual o seu posicionamento e poder no governo da Província e do Brasil a época.

Ainda, por se tratar de um assunto pouco abordado e estudado em Sergipe, isto considerando que o jornal Gazeta do Aracaju, foi um dos principais periódicos a circular na Província de Sergipe naquela época, exercendo papel relevante na política local e na vida dos sergipanos, sendo publicado por nove anos. Apesar do aparente pouco tempo de funcionamento, foi um dos mais importantes e longevos periódicos de Sergipe no século XIX.

Podemos citar mais alguns jornais como: O Horizonte, O Eco-liberal, O Monarquista, O Triunfo, O Guarany, O Telegrafo, A Voz da Razão, O Jornal do Comercio, Correio Sergipense, Jornal do Aracaju, O Conservador, Correio de Sergipe, A União, A Crença, O Laranjeirense, O Rabudo e o Jornal de Sergipe que. Posteriormente, nos serão mais bem apresentados na quarta sessão desse trabalho.

Dessa forma, o interesse em pesquisar esse tema foi conhecer a história e as características da Gazeta do Aracaju, bem como apresentá-la, retomando as suas origens, ou seja, buscando saber como, porque, por quem e com que objetivo ela surgiu. Buscando situá-la no contexto jornalístico da época e considerar o espaço sociocultural no qual o jornal atuou.

Entende-se ainda que ao estudar o referido periódico, está-se contribuindo para escrever a história da cultura escrita em Sergipe, uma vez que os impressos são dela parte importante. Desse modo, esta pesquisa visa levantar informações acerca de um veículo de informação e documentação social, numa temporalidade mais recuada e de menor conhecimento para os

leitores em geral, o que vem a ampliar o conhecimento acerca da cultura impressa sergipana. Por fim, torna-se também significativo, pois, além de se buscar apreender ao investigar Gazeta do Aracaju (1879-1888), sua história e sua importância para a sociedade sergipana do século XIX, buscar-se-á destacar pontos importantes ao se observar um impresso, como objeto de pesquisa.

Dito isso, na próxima seção será apresentado o referencial teórico que será a base de construção e análise deste trabalho. Nele, se tratará do desenvolvimento da imprensa nos principais centros, no Brasil e em Sergipe, além de apresentar questões pertinentes à caracterização de um periódico como objeto de pesquisa.

2 DESENVOLVIMENTO DA IMPRESSÃO TIPOGRÁFICA

Nessa seção será apresentado, em primeiro lugar, um panorama acerca do processo de desenvolvimento da imprensa, ressaltando-se os acontecimentos estreitamente ligados a ele. Em segundo lugar, o interesse recairá nos primórdios da imprensa no Brasil e Sergipe. Por fim, se tratará da teoria e metodologia para o estudo de um periódico, enquanto objeto de pesquisa.

2.1 Antecedentes da Imprensa

A história da comunicação humana remonta à Antiguidade Oriental. Os símbolos foram desenvolvidos há cerca de 30.000 anos atrás, e a escrita há cerca de 8.600 anos. Os primeiros sistemas de escrita dos últimos IV milênios a.C. não são considerados uma invenção súbita (AMARAL, 2005). Segundo afirma Lucien Febvre (2003), os materiais e suportes de escrita e suas formas não foram “inventados” no sentido corrente da palavra. Passaram por um processo de evolução, de ensaio e erro, que se estendeu por milênios. Na Idade da Pedra, o homem usava esses materiais como os encontrava na natureza. Posteriormente, começou a adaptar e melhorar estes materiais naturais.

À medida que a escrita era aperfeiçoada e se tornava gradualmente mais popular, o homem criou variações, especialmente adaptadas e apropriadas para escrever, descrever e pintar. Seda e bambu na China; casca de árvores no Extremo Oriente, Oceania, África, América Central e do Sul; algodão e folhas de palmeira na Índia; linho e papiro no Egito; barro e peles de animais na Mesopotâmia; osso na Ásia e Oriente Próximo; metal como cobre na Índia; vasos rituais de bronze na China; placas de ouro em Sri Lanka; cobre e chumbo pelos judeus, o bronze pelos romanos, etc. (FEBVRE, 2003)

Assim, nota-se que a escrita surgiu em diferentes localidades, tornando-se um importante instrumento de apoio para a memória humana, uma vez que fixava o que foi dito e determinado pelos dirigentes dos estados antigos. Tais povos usavam inicialmente para sua comunicação, as marcas gráficas como ferramenta para registro do movimento do comércio e

contabilidade estatal. Depois, registros de todos os acontecimentos que envolviam a sociedade. Usando materiais diferentes, os textos eram copiados, à mão, um a um. A possibilidade de grafar a informação conferia a durabilidade necessária, para escrever leis, que fixavam costumes (AMARAL, 2005).

Com o desenvolvimento da escrita, e a criação de diversos suportes, a informação começou à circular desde a Antiguidade, guardada as devidas proporções. A princípio a escrita esteve voltada aos interesses do Estado e foi monopolizada por um grupo restrito de homens nobres. A partir do surgimento do papiro, pergaminho, papel, e de um maior número de pessoas alfabetizadas, a palavra escrita expande-se (LYONS, 2011). Sobre tal questão, Sueli Amaral (2005, p.2) afirma:

[...] com a escrita, foi possível atravessar a barreira do tempo e preservar informações sobre modos de vida de povos que viveram há milhares de anos ou informar sobre outros povos, que viviam em locais muito distantes dos centros de difusão das informações. A durabilidade do sinal grafado e a possibilidade de acesso à informação por um número cada vez maior de pessoas mudaram profundamente a história da humanidade.

Na Idade Média o domínio da leitura e da escrita ficou quase que restrito aos monges. Isto porque após a queda do Império Romano, os índices de analfabetismo cresceram muito e a escrita só foi preservada, porque a Igreja resolveu manter sob sua guarda a cultura escrita. Nesse momento, surgiram as crônicas que narravam fatos importantes que eram enviados aos nobres e as personalidades mais importantes. Ainda nesse período, os escribas e copistas começam a reproduzir textos religiosos, literários e filósofos. Mas, nessa fase, os bons copistas eram raros e isso elevou o preço do material escrito (MEDEIROS, 2009).

Contudo, foi com a invenção da máquina impressora por Gutenberg no século XV que a reprodução de informação em escala e maior velocidade foi possível a partir de um papel mais maleável. Assim, no ano de 1542, Gutenberg imprimiu a Bíblia de 42 linhas, o primeiro incunábulo publicado pela técnica da impressão gráfica. Com o passar dos séculos, a impressão passou a ser intensa e isso se deu devido a facilidade na reprodução de textos. Não era mais necessário copiar os textos a mão como se fazia anteriormente; passou-se a fazer um molde com os caracteres móveis, e a partir desses moldes era possível imprimir quantas cópias o estoque das linhas e a base do óleo

suportasse. Esses papéis impressos em caracteres móveis receberam o nome de códice do latim *códex* (FERNANDES, 2000).

Com o passar do tempo, a esfera pública surge como um espaço de discussão, sobre assuntos relacionados a sociedade e ao Estado. Ou seja, começou-se a abrir o caminho para que a população obtivesse uma informação mais especializada e começasse a partir de então a exigir novas formas para exposição das ideias. Nesse processo, o papel foi de grande importância tanto para produção de textos quanto para a comunicação impressa, e só assim se passou a ter maior acesso às informações anteriormente restritas. A troca de informações tornou-se cada vez mais necessária e intensificada pelo acesso da população a leitura e a escrita. Com a criação de tipógrafos há uma aceleração na produção da cultura (MELO, 2005).

2.2 Criação da Imprensa Escrita

Principal veículo para a difusão das ideias durante os últimos quatrocentos anos, a mídia impressa atravessou os diversos períodos e todas as esferas da atividade dos homens em sociedade. Segundo Câmara (2009, p.1):

[...] nenhum evento político, constitucional, eclesiástico e econômico, nem os movimentos sociais, filosóficos e literários podem ser compreendidos sem levar em conta a influência da imprensa sobre eles. O comércio de obras impressas teve importante participação no desenvolvimento econômico de todos os ramos da indústria e do comércio.

A imprensa surgiu em meio às transformações que ocorreram na modernidade, tais como: a revolução urbana, comercial, industrial, científica e cultural entre outras (MELO, 2005). Já para Giovanni Giovannini (1987), não é tão evidente que a imprensa tenha sido a causa das grandes mudanças sociais. Segundo este autor, foram as ideias renascentistas que favoreceram as revoluções, que são anteriores às técnicas tipográficas. E foram elas que contribuíram ainda, para a criação do processo mecânico de reprodução de textos. Segundo Patrícia de Melo (2005, p. 3), foi após o advento da imprensa que:

Surgiram as primeiras impressões sobre a humanidade: as gazetas, com informações úteis sobre atualidade; os pasquins, folhetos com notícias sobre desgraças alheias; e os libelos, folhas de caráter opinativo. A combinação desses três tipos de impressos resultou, no século XVII, no jornalismo. O papel da imprensa periódica, na emergência da esfera pública, revestiu-se de importância especial. O aparecimento dos jornais no final do século XVII e princípios do século XVIII fomentou um novo espaço público para o debate. De início, esses jornais eram dedicados a assuntos literários e culturais, mas a temática foi se alargando para questões de interesse social e político.

Dessa forma, após a criação da imprensa e sua consolidação junto a sociedade, os jornais apareceram no final do século XVII e início do século XVIII como um novo espaço para debates. Inicialmente esses jornais dedicavam-se apenas a assuntos literários e culturais e com o passar do tempo começaram a publicar assuntos de interesse social e político (MELO, 1998).

Segundo Lyons (2011) os folhetos volantes, as gazetas e os libelos surgiram quase ao mesmo tempo. Com isso, foram criados também, uma variedade de informativos polêmicos, que publicavam eventos particulares, desastres naturais e relações sensacionalistas. Porém suas publicações não eram regulares. Muitos fechavam suas portas, para logo após abri-las. E em geral, os impressos estavam ligados a grupos empresariais que buscavam fazer propaganda de seus produtos. Dessa forma, somente no século XVII que se deu a regularidade das publicações e os jornais passaram a ser vistos como confiáveis.

A partir de então, a imprensa se desenvolveu em vários países com destaque para: Inglaterra, França e Alemanha. Somente algum tempo depois nos Estados Unidos. Os investimentos que os jornais recebiam para que pudessem ser editados era muito pequeno. A redação era composta por duas ou três pessoas, e o papel e a tinta gasta eram pagos pelo próprio leitor. E em muitos casos, eram os próprios leitores que ajudavam a compor o capital do jornal (MELO, 2005).

Tal processo foi se expandindo. Em primeiro lugar na Europa e depois nos Estados Unidos da América. O processo de industrialização no século XIX, foi um fato significativo para a evolução dos periódicos e do jornalismo. Com a mecanização o processo da produção da informação tornou-

se mais rápido, barato e dinâmico, o que contribuiu bastante para que o público leitor aumentasse (MELO, 1998).

Junto ao progresso da imprensa surge a popularização dos jornais sensacionalistas, que traziam em sua primeira página imagens e notícias violentas. Os Estados Unidos por ser um país de grande extensão territorial tiveram dificuldade em propagar o crescimento da imprensa. Porém viu na criação de cadeias jornalísticas, a solução para este problema. As cadeias eram agências que levavam informações locais em nível nacional. Mas com a crise econômica, essa sistemática foi prejudicada. Em virtude disso, logo em seguida surge o tabloide, produzido com a metade do jornal padrão e com um número menor de páginas (MELO, 1998; LYONS, 2011).

Na Inglaterra a imprensa surgiu trazendo à inclusão de assuntos variados e buscando atender a um número maior de pessoas a cada dia. Na França os veículos de informação nasceram logo após o processo de industrialização e trouxeram em suas manifestações várias tendências, estilos e orientações, que procuravam identificar os jornais de esquerda, centro e direita, identificando os jornais como religiosos, liberais ou monarquistas (MELO, 1998).

Dessa forma, a imprensa opinativa e ideológica era a que dominava no início do século XIX. Ou seja, a imprensa de partido. Alguns fatores contribuíram para que esse tipo de jornalismo imperasse: “o baixo índice de alfabetização de grande parte da sociedade; o aumento crescente do nível de politização da população; e a falta de matéria prima para a produção de notícias” (MELO, 1998, p.4).

A imprensa popular, por sua vez, se expandiu significativamente no final do século XIX. O barateamento dos jornais começou a acontecer e os jornais começaram a ser direcionados para a população. A visão dos donos de jornais começa a se ampliar e eles passaram a focar seus objetivos nos lucros. Daí em diante surge o jornalismo não só factual e religioso, mas o sensacionalista. Novas regras surgiram e começa-se a utilizar os gráficos e as fotografias. O jornalismo chamado amarelo e marrom (sensacionalista) permaneceu divulgando fatos inventados, mesmo que fossem desmentidos em seguida (SOUZA, 2003).

De acordo com Souza (2003), o que contribuiu para a mudança no perfil dos jornais foi ainda: o fortalecimento da alfabetização; a concentração das pessoas nas cidades com a consequente urbanização; o aumento do poder aquisitivo da população; a mudança do conceito de jornal partido para o de jornal-empresa (com vista aos lucros); os novos valores sociais; e o progresso tecnológico das formas de impressão, permitindo aumento das tiragens e redução dos preços dos jornais.

2.3 A Imprensa no Brasil

Após a criação da imprensa, as ideias começam a se propagar mais rapidamente. Histórias e novas ideias começaram a ser impressas e passam a atingir um número muito maior de pessoas, bem como despertar a curiosidade de tantas outras. Era preciso então cuidar das ideias que o povo adquiria a partir dos impressos. Isto pois, mesmo com muitos analfabetos, as ideias eram propagadas por aqueles privilegiados que conseguiam uma formação maior. A partir desses fatos, e preocupados na conservação do poder, da moral e bons costumes, e das bases religiosas, foi instaurada a censura na Europa e consequentemente, em Portugal (MARTINO; SAPATERRA, 2006). Ainda segundo esses autores, em Portugal ainda no século XV, já havia uma censura bastante severa e vigilante (2006, p. 2):

Em 1540 a Inquisição impõe a Censura Preventiva - São necessárias duas licenças para se imprimir um livro: uma do Santo Ofício (Inquisição) e outra do Ordinário (Bispo). O Cardeal Dom Henrique ordenou que se notificassem "todos os impressores que não imprimiam nenhuns livros sem primeiro serem visto e examinados per eles". A intenção era criar uma articulação entre autores, impressores, responsáveis pela edição e um corpo de qualificadores e revedores. Mais tarde, cria-se o Conselho Geral - 1570 -, de modo que nada passe à tipografia sem que os "censores" saibam se continham proposições contra a fé e os bons costumes - o nome do autor, do impressor, local e data deviam estar identificados em todas as tiragens. Havia processo a quem editasse sem obter a licença prévia. Essa forma de censura, porém, não deu certo, pois há testemunhos de que a imparcialidade de revedores e qualificadores, quando duvidosa, podia gerar o respectivo afastamento da função.

Dessa forma, a censura dos impressos no Brasil se inicia já, quando do domínio de Portugal sobre a Colônia. Assim, este país foi um dos últimos a permitir o advento da imprensa. Este atraso era devido o Brasil ser subordinado

ao governo português, que entendia esse território somente como produtor daquilo que fosse conveniente e rendoso a Portugal. Mas mesmo sem a autorização real houve várias tentativas de implantar a impressão no Brasil (HALLEWELL, 2011).

Assim, surgiram ao longo do tempo, especulações que os jesuítas trouxeram uma prensa tipográfica para a colônia brasileira. Essa crença se deu aparentemente quando uma obra denominada *Faulmann, Illustriert Geschichte der Buchdruckerkunst* foi citada por um erudito como tendo sido impressa no Brasil., mas, até hoje não foi encontrado nenhum registro que provasse a origem de qualquer material impresso, embora, os colégios jesuítas tenham sido bastante renomados por possuírem excelentes bibliotecas (HALLEWELL, 2011).

Já segundo o cronista Serafim Leite, em sua obra intitulada História da Companhia de Jesus no Brasil, o colégio de Santo Inácio, no Morro do Castelo, na cidade do Rio de Janeiro, teve alguns trabalhos impressos por volta de 1724, em geral folhetos religiosos. Contudo, para Laurence Hallewell (2011) o que mais causou estranheza é que mesmo depois que os jesuítas foram expulsos, o colégio fechado e as propriedades confiscadas em 1759, o capelo Agostinho Santos Félix não tenha mencionado o fato em seu relatório ao governador, sobre a existência de um prelo (HALLEWELL, 2011).

Dessa forma, somente há provas de uma tentativa de impressão com a chegada dos holandeses ao Brasil em 1630. Nesse momento houve uma tentativa documentada de introduzir a impressão no Brasil, no nordeste brasileiro, mais especificamente em Pernambuco. Segundo Hallewell (2011), foi enviada uma carta ao Supremo Conselho (Holandês) do Brasil, em 28 de fevereiro de 1642, na qual constava que os responsáveis pela Companhia das Índias Orientais e o governador Maurício de Nassau, solicitava o envio de um prelo visando assim que o Conselho fosse poupado do trabalho de copiar, sendo essa tentativa frustrada, pois nenhum impressor interessou-se em viajar ao Brasil.

Contudo, apesar de tais acontecimentos, em relação à instalação de prelos no Brasil, são citadas na historiografia nacional outras experiências de publicação ainda no período colonial. Algumas discutíveis, a exemplo da instalação do primeiro prelo em Recife (1703-1706), outras comprovadas, como

a Oficina Tipográfica (1747) de Antônio Isidoro da Fonseca, famoso impressor português que migrou para o Brasil e a Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801), comandada por Frei José Mariano da Conceição Veloso, reconhecido naturalista e impressor de periódico acerca de economia agrícola e de brochuras em Portugal (CAVALCANTI, 2004; BRAGANÇA, 2010).

A primeira foi responsável pela publicação de folhetos e dos primeiros livros impressos no Brasil, embora tal empreendimento tenha sido rapidamente exterminado por determinação do Conselho Ultramarino. Já a segunda é considerada por alguns estudiosos como a “primeira editora brasileira relevante”, embora criada em Lisboa. Contudo, também de breve existência (CAVALCANTI, 2004; BRAGANÇA, 2010).

Por tais razões, muitos autores consideram que o Brasil um país onde a imprensa chegou muito tardiamente. Embora boa parte dos estudiosos do tema demandem à censura o atraso do Brasil na publicação e consumo de impressos, o sociólogo José Marques de Melo (2000) estudioso da cultura letrada no país, entende que a tardia chegada da tipografia à Colônia se deveu mais a fatores socioculturais, como o analfabetismo e o pequeno mercado consumidor, do que ao sistema político repressor da metrópole portuguesa.

Contudo, há ainda autores que afirmem que nos primeiros anos do século XIX, o comércio de livros já se desenvolvia, sendo uma atividade autônoma em cada parte do império. Cada centro importante tinha seus próprios vínculos comerciais diretos com a Europa, de onde provinha a maior parte de seu material de leitura, e cada um deles esforçava-se para suprir suas demais necessidades com seus próprios recursos (HALLEWELL, 2011).

Márcia Abreu (2011), concorda com Hallewell e demonstra em sua pesquisa, que no período anterior a chegada da família real, já havia um modesto mercado livreiro no país, tendo sido registrada a entrada de 518 títulos importados do além-mar. Contudo, esse número praticamente duplica entre 1808 a 1822, quando chegam ao Reino, 914 títulos.

Com a chegada da Corte portuguesa ao Brasil, há uma modificação dos costumes. A criação da imprensa brasileira foi um deles. A impressão tipográfica surgiu no Brasil junto com a necessidade real de imprimir papeis diplomáticos, que emanavam de qualquer repartição do serviço real. Foi criada a partir de um decreto assinado por D. João VI, no dia 13 de maio de 1808,

com o nome de Impressão Régia. Com o passar dos anos recebeu novas denominações a depender do momento político atravessado pelo Brasil (ABREU, 2011).

A Impressão Régia foi criada para auxiliar diretamente o governo e para auxiliar na expansão da educação pública. Essa instituição foi administrada inicialmente por três desembargadores designados por D. João VI: José Bernardes de Castro Mariano, José Pereira da Fonseca (futuro Marquês de Maricá), e José da Silva Lisboa (mais tarde Visconde de Cairu). O cônego Januário da Cunha Barbosa (1780-1846) permaneceu como único diretor da impressão no período de 1830-1834. O Cônego era considerado um grande defensor das ideias democráticas (HALLEWELL, 2011).

Assim, a Impressão Régia deteve o monopólio das impressões no Rio de Janeiro por quatorze anos. Durante esse período foram produzidos mais de mil itens. Dentre esses itens estavam documentos do governo, cartazes, volantes, sermões, panfletos e outras publicações. Durante este período foram produzidas muitas obras úteis à sociedade e de grande interesse do governo.

Dessa maneira, a partir da quebra do monopólio português, criou-se a oficina da impressão, cujo, nome era Impressão Régia, designação que recebeu até fevereiro de 1817. Posteriormente, passou a chamar-se *Real Officina Typographica*, título que foi simplificado no ano de 1821, para *Régia Typographia*. Foi nesse mesmo período que os liberais recém-chegados ao poder em Portugal decretaram a substituição de “Real” para “Nacional” passando assim a chamar-se *Typographia Nacional* (HALLEWELL, 2011, p.127).

Com ela, também surgiu o primeiro livreiro e editor no Brasil, Paulo Martins. A maioria dos livros produzidos pela Impressão Régia trazia o nome de Martins, e a ele cabia também o status de ser o distribuidor oficial da Gazeta do Rio de Janeiro. Sobre este primeiro editor oficial no Brasil, Hallewell (2011, p.115) afirma:

Muitos romances impressos na Impressão Régia foram publicados por Paulo Martins. Ele mandava imprimir romances, contos, folhetos políticos, poemas e orações fúnebres que vendia em sua loja, na Rua da Quitanda, nº 34. [...] Ele era um homem empreendedor que fazia publicidade de seus produtos.

Dessa forma, Paulo Martins foi o primeiro editor brasileiro e utilizou-se da Impressão Régia para suas edições. Foi ele também que imprimiu o primeiro romance em prosa ficcional no Brasil, *O Diabo Coxo* (1810). Publicou ainda obras de renome como *Marília de Dirceu* (Tomas Antônio Gonzaga) e *Ensaio sobre a Crítica* (Alexander Pope). Com o passar do tempo, a livraria de Paulo Martins e de outros livreiros receberam uma quantidade apreciável de trabalhos e o grande objetivo dessa estratégia foi aumentar a renda do prelo, mais não deu certo, já que a Impressão Régia tinha preços muito altos e sua capacidade era limitada, tanto por razões físicas como por motivos econômicos. Enquanto isso, Portugal possuía a vantagem de oferecer preços baixos e uma variedade mais ampla de obras impressas (HALLEWELL, 2011).

Foi também com a instalação da Imprensa Régia que em dezembro de 1908, foi impresso o primeiro semanário, intitulado, *A Gazeta do Rio de Janeiro*, sob a direção de Paulo Martins que trazia exclusivamente publicações, documentários oficiais e informações sobre a família real. No dia 10 de junho de 1821, foi lançado *O Diário do Rio de Janeiro*, primeiro a circular em todo o país, que dedicava suas colunas para informar notícias de crimes, demandas populares, movimentos de navios, vendas, leilões e fugas de escravos, e teve como fundador Zeferino Vito de Meirelles, que foi funcionário da Impressão Régia, procurador de Paulo Martin e editor de suas obras (ABREU, 2010).

Outro jornal de grande importância foi o *Correio Brasiliense* (1808), um jornal mensal publicado pelo brasileiro Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça. O *Correio* foi considerado como sendo o primeiro jornal brasileiro que circulou desde o dia 1º de junho de 1808 à 1º de dezembro de 1822. Esta gazeta foi editada durante 14 anos, ininterruptamente, o que para os primórdios da imprensa brasileira é um verdadeiro feito. Hipólito usava o jornal para defender suas ideias liberais de uma monarquia constitucional e o fim da escravidão. Este periódico deu ampla cobertura a Revolução Pernambucana de 1817 e aos acontecimentos de 1821 e 1822, que culminaram com a independência do Brasil (HALLEWELL, 2001).

Com o passar do tempo, surgiram outros editores e casas de impressão. François Plancher, era mestre em artes gráficas, e chegou ao Brasil em 1824. Introduziu equipamentos avançados e importava operários especializados. Criou em 1827, o *Jornal do Comércio*, o mais antigo diário

da América Latina, que circula ininterruptamente desde o seu nascimento. Foi ainda Plancher que publicou a primeira novela brasileira intitulada *Statira e Zoroastes*, e publicou também alguns periódicos, a saber, *Spectador Brasileiro*, *Revista Brasileira da Sciencia, artes e indústria* (1842) e uma revista de medicina, *Propagador de Sciencias Médicas* (HALLEWELL, 2011).

Contudo, o principal editor após a Independência do Brasil foi o brasileiro Paula de Brito. Tinha sido compositor e diretor da impressão do Jornal do Commercio, e criou no ano de 1833 a *Typographia Fluminense*. Alguns anos mais tarde por volta do ano de 1848, já possuía um grande número de prelos conseguindo assim aumentar a sua produção ano a ano até 1856. No ano de 1851 ingressou no campo da litografia, criou algumas revistas e fundou a companhia por ações, Typographia Duos de Dezembro, que era patrocinada por D. Pedro II (HALLEWELL, 2011).

Em 1844, chega ao Brasil Baptiste Louis, e o mesmo passa a comercializar no país títulos editados pela *GarnierFrères* de Paris. Logo após a sua chegada Garnier encarregou-se de imprimir edições de autores brasileiros, com destaque para Machado de Assis e José de Alencar. Outras obras foram publicadas por Garnier. No total, 655 obras de autores brasileiros entre 1860-1890. Foi ele que introduziu a literatura espírita de Alan Kardec. Outras livrarias e impressoras surgiram ao longo dos anos: *Casa Crashley*, que publicava folhetos e revistas; *Lombaerts*, que foi o maior concorrente de Garnier; *Leuzinger*, grande papelaria e encadernadora que adquiriu a *TypographiaFranceza* e em 1833 os irmãos Laimmert fundam a *E e H Laimmert* e investem em obras da história brasílica, em traduções inglesas e alemãs (HALLEWELL, 2011).

Houve ainda nesse período, além dos grandes editores de obras consagradas nacionais e internacionalmente, outros que se direcionaram ao extrato popular, que introduziram as séries econômicas dos clássicos portugueses, e também a tradução de obras célebres da literatura mundial, a preços modestos. Bastante difundido em Portugal, essa fatia do mercado editorial chega ao Brasil na segunda metade do século XIX. As edições de bolso e coleções econômicas, sob as mais diversas denominações, tornaram-se pouco a pouco corriqueiras. Mesmo a editora Garnier em 1873 investiu nesse nicho rentável de mercado, lançando vinte volumes de fácil enredo e

fácil leitura, capazes de entreter um público heterogêneo e diversificado que recebeu a denominação de “povo”. Nos catálogos das livrarias ou nos anúncios dos jornais, multiplicavam-se títulos como: Orador do Povo, Trovador do Povo, História Natural Popular, Mistério do Povo, etc. (LAJOLO; ZIBERMAN, 1996).

Destaca-se também nesse mercado o jovem editor Pedro da Silva Saquarema que abriu a Livraria do Povo em 1870. Comercializava livros usados e algumas raridades bibliográficas. Também editou inúmeros romances, livros de trovas e cantigas, “romances para homens”, de teor picante e proibido às mulheres (LAJOLO; ZIBERMAN, 1996).

Nesse contexto editorial, o romance de cunho sensacionalista com enredos lúgubres ou mesmo macabros, eram sucesso certo. Ao lado destes, encontravam-se também folhetos de cunho diverso, histórias para crianças, anuais de ajuda prática, dicionários e livros escolares. Também ao final do século algumas mulheres começaram a escrever, sob pseudônimos diversos, destacando-se Maria Benedita Bormann, que escreveu sob diversos pseudônimos. Para Alessandra El Far (2010) essas publicações, na verdade evidenciam que ao final do século XIX o livro deixava de ser algo atrelado ao saber erudito ou ao aprendizado escolar, passando a ser visto como também como entretenimento, diversão e passatempo. Para compensar a má qualidade do papel, as brochuras, destinadas a uma venda significativa traziam capas coloridas, desenhos criativos e uma repetitiva propaganda nos jornais com a intenção de despertar a curiosidade dos consumidores.

Outra vertente relativamente significativa, embora não primordial, foi a publicação de livros didáticos. Destacando a formação das escolas no Império de D. João VI e com isso a necessidade de livros didáticos, Lajolo e Ziberman (1996) afirmam que o livro didático é o primo-pobre da literatura, texto para ler e botar fora, descartável. Por outro lado, ele é o primo-rico das editoras. Não deixando de ser um formador de leitores, vinculado a todas as etapas da escolarização passando a ser o propulsor não só da ampliação e da formação do público leitor, mas da própria empresa editorial brasileira.

2. 4 A Expansão do Jornalismo no século XIX

O jornalismo na primeira metade do século XIX, passa por muitas transformações e muitos foram os inventos que conduziam à velocidade na impressão. E começa a surgir muitos jornais muito parecidos como os dias atuais, nos Estados Unidos Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst, foram responsáveis por criarem grandes jornais que eram destinados a vendas em massa, em 1833 foi fundado o New York Sun, o primeiro jornal “popular” que era vendido a um centavo de dólar, já no Reino Unido surge em 1821 o The Guardian um dos mais vendidos até hoje. O Japão para acompanhar o processo de industrialização cria em 1821, o seu primeiro jornal, o *YokohamaShinbun*, onde circulava notícias diárias sobre a cidade de Yokohama (SODRE, 1999).

Ainda no século XIX, surgem empresas que eram dedicadas a coletar informações sobre a atualidade e vende-las aos jornais. Essas empresas ficaram conhecidas como Agencias de notícias ou Agencias de empresas, a primeira agencia a ser fundada foi a *AgencedesFeuilles Politiques, CorrespondanceGénérale* em 22 de outubro de 1835, pelo francês Charles-Louis Havas. Já no ano de 1848, alguns jornais americanos se juntam para formar a Agencia Associated Press, período em que acontecia a guerra entre EUA e México, essa agencia foi criada visando a contenção de gastos entre os periódicos. O alemão Paul Julius Reuter funda a *AgenciaReuters*, no ano de 1851, ano em que também é fundado o *New York Times*, o principal jornal de Nova Iorque. (SODRE, 1999)

No ano de 1861 ocorre nos EUA uma guerra civil, e essa data é um marco para a imprensa, pois esse período é marcado pelas inovações tecnológicas e novas condições de trabalho, e a partir desse fato que os repórteres e fotógrafos recebem o Lead, que para garantir que a parte principal da notícia vai chegar a redação do jornal pelo telegrafo, e também nesse período que as manchetes são inventadas para destacar em suas primeiras páginas as novidades de guerra. O primeiro jornal a enviar correspondentes para cobrir os dois lados de uma guerra foi o *TheGuardian*, de Manchester, para cobrir a Guerra Franco-Prussiana em 1871. O telégrafo, invenção de Samuel Morse em 1844, surgiu para revolucionar a transmissão de

informações, permitindo o envio de notícias a longas distancias. Mas o telegrafo só passa a ter um aumento na capacidade a partir de instalações de cabos submarinos, na segunda metade do século XIX. No Brasil a primeira comunicação por telegrafo só acontece no ano de 1874, ligando o país à Europa, começando assim a receber despachos de agências internacionais. A fotografia começa a ser usada na imprensa diária só no ano de 1880, sendo a Alemanha o primeiro país a produzir revistas ilustradas graficamente com fotografias (SODRE, 1999).

Dessa maneira, se pode apontar o século XIX como um dos mais importante para a história da imprensa. Muitas inovações surgiram. Surgiram revistas; edições baratas, de bolso; diários, periódicos os mais diversos. Foi nesse período que a imprensa se expandiu e se transformou em um negócio rentável e lucrativo, conseguindo assim, a sua independência econômica em relação aos subsídios políticos que dominou seus primórdios (TRAQUINA, 2001).

No século XIX, houve, assim, uma dupla expansão a da imprensa e do jornalismo. De acordo com Traquina (2005) muitos fatores sociais colaboraram para a expansão do jornalismo, sobretudo a escolarização da sociedade e o processo de urbanização, intensificando o crescimento de futuras metrópoles. No Brasil, não seria diferente. Segundo Cruz (2000, p.42).

Seria principalmente nas últimas décadas do século XIX, surpreendida pela turbulência das transformações sociais, que a cultura letrada e a imprensa começariam decididamente a avançar para além das elites tradicionais. Nessa época, em ritmo acelerado, no compasso de um modo de vida que exporta capitais e invade rapidamente inúmeros espaços do planeta, a história da formação das metrópoles brasileiras multiplica o tempo e a experiência social.

O que também impulsionou a expansão do jornalismo foi à liberdade adquirida por meio da conquista de direitos fundamentais e da democracia como forma de governo, ou seja, os jornais passaram a ser reconhecidos como um meio de denunciar as mazelas e injustiças sociais. Desse modo o jornalismo passou a figurar como o Quarto Poder (SODRÉ, 1999).

O jornalismo passou a ser visto como o fornecedor de informação e transformou-se em um produto que se baseia em fatos reais e não opiniões. A partir daí a informação passou tratada como mercadoria e essa mudança tornou-se evidente com o aparecimento no final do século XIX, nos Estados

Unidos da imprensa sensacionalista. Esse tipo de jornalismo recebeu o nome de jornalismo amarelo (SILVA, 1991).

Em relação à comercialização de jornais, Traquina (2005) aponta que esse processo teve início ainda no século XIX. A informação no formato de notícia e está como um produto. Sobre isso afirma:

O jornalismo como conhecemos hoje na sociedade democrática tem suas raízes no século XIX. Foi durante o século XIX que se verificou o desenvolvimento do primeiro *mass media*, a imprensa. A vertiginosa expansão dos jornais no século XIX permitiu a criação de novos empregos; um número crescente de pessoas dedica-se integralmente a uma atividade que, durante as décadas do século XIX, ganhou um novo objetivo – fornecer informação e não propaganda (TRAQUINA, 2005. p. 34).

Na Europa as notícias que circulavam nas primeiras páginas eram de extrema violência; os jornais norte-americanos investiam nas histórias em quadrinhos e a imprensa encontrou certa dificuldade em sua expansão territorial. A solução encontrada foi a criação de cadeias- agências que faziam com que as notícias locais fossem estendidas à nível nacional. As cadeias controlavam centenas de jornais, mas logo essa sistemática começou a enfrentar problemas devido à uma crise econômica que assolava o continente europeu. A solução encontrada para driblar a crise foi a criação de um novo jornal, o Tabloide, periódico produzido com a metade do tamanho de um jornal comum e com um número bem menor de páginas (MELO, 2005).

Na Inglaterra a imprensa passou a incluir em seus jornais assuntos variados, visando atender um público maior. Esportes e entretenimento e as manchetes de primeira página já se destacavam em novo modelo no jornal inglês. Já na França, houve uma manifestação de várias tendências, após o processo de industrialização, estilos e orientações, identificavam os jornais de esquerda e de direita, além dos jornais religiosos e monarquistas. Em suma, ampliou-se o público leitor durante todo o século XIX, devido o barateamento dos preços dos impressos.

2.5 Os periódicos como fonte e objeto de estudo

Atualmente, os pesquisadores reconhecem a imprensa escrita como nova possibilidade de análises e estudos do passado e do presente, seja como fonte, seja como objeto de pesquisa. Contudo, tal fato demorou a acontecer.

Isso porque a historiografia do século XIX, não considerava os jornais como fonte confiável sob nenhuma condição. A privilegiada escola historiográfica positivista, desconsiderava qualquer estudo que utilizasse periódicos, e essa ideologia dominava a academia da época (DE LUCA; MARTINS, 2006).

Os impressos eram tidos como produtos forjados de representações contextualizadas da realidade. Segundo Maria Helena Capelato (2005, p.150), isto se dava, pois, “nos vários tipos de periódicos e até mesmo em cada um deles encontramos projetos políticos e visões do mundo representativo de vários setores da sociedade”.

Foi somente no século XX, que os trabalhos que usam os periódicos como fontes de pesquisa se consolidaram. A princípio na Europa. A Escola francesa dos *Annales* (1929) desenvolveu estudos que afirmavam que a visão da historiografia contemporânea em relação a imprensa estava se renovando, procurando fazer abordagens políticas e culturais a partir da imprensa. Outra importante contribuição para esse processo de aceitação dos periódicos como fonte partiu da proposta de Paul Otlet (1934) que também considerou o uso de novas fontes de informação.

Segundo a Escola dos *Annales*, há a possibilidade do pesquisador buscar novos horizontes de pesquisa, usando os periódicos como novas fontes de históricas. Tal fato, muito se baseou nos escritos de Marc Bloch (2001) que defendia a validade de todo documento, tanto pelo que ele aborda, como pelo que ele omite. Sobre essa questão do documento e de suas supostas verdades, Jacques Le Goff (2010, p. 548) afirma:

No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. [...] porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos.

Dessa forma, com a renovação nas abordagens políticas e culturais foi redimensionada a importância da imprensa escrita, passando esta, a ser considerada como fonte documental, na proporção que ela anuncia, discursa e cria expressões. Ou seja, age como agente histórico intervindo nos processos e episódios. Isso, implica ao pesquisador, verificar como os meios de

comunicação impressos interagem em um determinado contexto. Haja-vista que “o conhecimento que temos da realidade, que é medido pelos fatos divulgados pela imprensa” (DE LUCA; MARTINS, 2006).

Dessa forma, o periódico que era considerado como sendo uma fonte suspeita e de pouca importância, e passou a ser reconhecido como sendo um material de pesquisa valioso para o estudo de uma época. Isso porque qualquer documento histórico não pode ser considerado como um reflexo da realidade e sim uma representação real de um lugar (SODRÉ, 1999).

No Brasil, contudo, o pioneiro no uso dos impressos foi Gilberto Freire (1900-1987), que estudou por meio dos periódicos acerca de um engenho francês no Brasil (1948), acerca dos ingleses (1949) e também sobre os escravos nos anúncios dos jornais (1963). Também de fins dos anos 1940 são os escritos de Jean Glénisson (1921-2010) que em sua obra *Iniciação aos estudos históricos*, publicada somente nos anos de 1980, chama atenção para os estudos realizados com periódicos, denominando-os de complexos. Defendia que era preciso descobrir as influências ocultas acerca de um veículo de informação, ou ainda, qual o papel da publicidade nesse periódico, e qual a pressão exercida pelo governo, sobre ele (HALLEWELL, 2011).

José Honório Rodrigues (1969) afirmou que os periódicos eram uma das mais importantes fontes de informação, embora afirmasse também que os periódicos eram dependentes e inexatos. Outro pesquisador francês renomado, que exerceu forte influência sobre os pesquisadores brasileiros nos anos de 1970, foi Pierre Renouvin (1893-1974). Ele defendia que ao se eleger o periódico como objeto de estudo era necessário pensar nas seguintes questões: “data de publicação do periódico, sua tiragem, área de difusão do veículo, relações com instituições políticas, grupos econômicos e financeiros” (LUCA, 2005, 116).

Outro nome significativo é Maria Almeida Camargo que em 1971 lança sua tese acerca da imprensa como fonte para a História do Brasil. Apesar de crítica em relação ao uso que os pesquisadores faziam dos jornais, afirma que são fontes privilegiadas. Contudo, o trabalho que realmente teve uma grande repercussão nos anos de 1970, foi a História da Imprensa de Nelson Werneck Sodré. Essa obra se transformou em um clássico para os estudos da imprensa no Brasil.

Contudo, a inserção dos impressos na produção historiográfica do Brasil, principalmente quanto ao uso dos jornais, revistas, folhetins e edições ilustradas é muito recente quando comparamos com a Europa e os Estados Unidos. Mas, hoje uma realidade. O uso dos impressos veio ganhando espaço como fontes de pesquisa e objeto de estudo, despertando o interesse de muitos pesquisadores. Isso, como já explicitado, porque durante muito tempo, a imprensa foi acusada de possuir caráter subjetivo, manipulador e coercitivo em seus discursos. Além de muitas vezes a imprensa acabar funcionando como uma intermediária na transmissão dos ideais de algumas instituições que promovem o poder na sociedade. Sobre isso Tânia de Luca coloca:

Os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentados do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões [...]. Uma “instância subordinada às classes dominantes, mera caixa de ressonância de valores, interesses e discursos ideológicos” (LUCA, 2005, p. 112,116).

Contudo, a partir dos pesquisadores pioneiros, os estudos dos periódicos como fontes e objetos, multiplicaram-se pelo Brasil. Importantes intelectuais como Fernando Henrique Cardoso, Emília Viotti da Costa, Nícia Vilella, dentre outros elegeram os jornais como fontes preciosas. Vários são os fatores que explicam essa nova situação dos impressos. Em primeiro lugar, não se pode deixar de falar da importância que os jornais exercem em recuperar fatos de nosso passado e presente. Outra razão se deve ao fato dos periódicos são veículos para se entender determinados comportamentos e práticas sociais. Além de serem novos documentos a serem explorados pelos pesquisadores, na intenção que esses possam responder de forma mais clara os seus questionamentos (LUCA, 2005).

2.5.1 Aspectos relevantes no estudo de um periódico como objeto de pesquisa

Tânia de Luca (2005) aconselha que ao se trabalhar com os periódicos, deve-se atentar à subjetividade de seus redatores e ao corpo editorial responsável pelo material trabalhado. Para ela, é de suma importância que o pesquisador tome muito cuidado na hora de manusear esta ou qualquer outra fonte de pesquisa. O pesquisador deve ser capaz ao analisar um

periódico, de perceber quem fala, para quem fala, e com que objetivo fala. Para a autora, os pesquisadores se deixam influenciar negativamente, justamente quando não pensam no público alvo e nas funções que esse texto vai exercer, já que os meios de comunicação em massa são quem determina a construção da realidade de seu público (LUCA, 2005).

Outro ponto determinante a se observar, é a materialidade do periódico. Em outras palavras, se deve proceder a análise física e das condições técnicas da produção, periodicidade, tiragem, pontos de venda, opiniões editoriais, definição das seções do impresso. De outra parte, os periódicos negociam um produto muito especial – a informação – esta é capaz de formar opiniões, (des) estimular comportamentos, atitudes e ações políticas. É preciso estar atento que as notícias não se limitam a apresentar o que aconteceu, mas selecionam, ordenam, estruturam e narram, de uma determinada forma, aquilo que elegem como fato digno de chegar até o público (DE LUCA; MARTINS, 2006, p.11).

Um nome importante para o estudo dos periódicos como objeto foi Arnaldo Contier com sua obra *Imprensa e Ideologia em São Paulo* (1973). Esse pesquisador estudou o vocabulário político-social dos periódicos entre o final do Primeiro Império brasileiro o início da Regência (1827-1835) visando compreender a ideologia dos discursos e de seus editoriais. Já Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado (1974) publicam uma obra acerca do Jornal O Estado de São Paulo, demonstrando que este veículo de informação atendia aos interesses dos setores dominantes da sociedade paulistana (LUCA, 2005).

Posteriormente, mais uma vez, Maria Helena Capelato (2005) utiliza-se dos jornais para estudar através dos periódicos os fundamentos do liberalismo no Brasil entre os anos de 1920 e 1945. Outro destaque é Vany Pacheco Borges que ao estudar comparativamente os periódicos *O Estado de São Paulo*, *o Diário Nacional* e *o Correio Paulistano*, investigou as relações entre o presidente Getúlio Vargas e a oligarquia paulista no período de 1926 a 1932.

Contudo, apesar dos caminhos diferentes de cada uma dessas pesquisas, todos são unânimes em afirmar que para se conhecer um periódico e estudá-lo a fundo, se faz necessário, antes de mais nada, atentar para as questões de sua materialidade. Ela, segundo os estudiosos dos e nos

periódicos, tem muito a dizer acerca desse impresso, sendo mais fácil a partir delas, perceber as alianças e relações sociais dos dirigentes desses veículos.

Com o objetivo de estender os estudos acerca dos periódicos, a *Associação dos Pesquisadores de História da Mídia* (ALCAR), ou Rede Alfredo de Carvalho, criada em 05 de abril de 2001 na Associação Brasileira de Imprensa (ABI) buscou desenvolver ações públicas para construir a história da impressão nacional de periódicos, visando a comemoração dos 200 anos da imprensa no país. Contudo, a organização após esse fato, continuou publicando e fomentando a pesquisa na área de informação da mídia impressa.

Uma das maiores colaborações à pesquisa acerca da imprensa, foi o trabalho desenvolvido pela Alcar, no que diz respeito a como se trabalhar as fontes impressas, sem deixar de atentar para questões relevantes. Para tanto, foi criada uma “ficha dos periódicos” que engloba os seguintes dados: instituição de guarda, nome do periódico, município e estado de produção, tempo de circulação, editora, editor, expediente, ano inicial da publicação, aspectos gráficos, número de páginas, número de publicidade com ilustração e sem ilustração, principais seções com seus títulos, nome dos fotógrafos (se houver), nome dos principais jornalistas, capa, contra-capas, etc. (ALCAR, 2005). Como essa pesquisa busca a materialidade do impresso *Gazeta de Aracaju*, esses serão os parâmetros que serão utilizados para a realização desse trabalho

3 METODOLOGIA

A escolha de tema se deu em virtude da pesquisadora frequentar o acervo da Biblioteca “Epifânio Dória” e de conversas com o Sr. Pedrinho, responsável pela documentação sergipana. Nessas visitas, descobri que a maior parte do acervo sergipano de periódicos do século XIX, foi levado para a Biblioteca Nacional para ser digitalizado, em virtude do abandono em que se encontrava. Contudo, há ainda alguns exemplares digitalizados localmente. Dessa maneira, eu encontrei a Gazeta de Aracaju e de acordo com as informações recebidas, poucos são os exemplares existentes. A partir daí surgiu a ideia de pesquisar esse veículo de informação, que teve tanta representação para a sociedade sergipana.

Dessa maneira, essa pesquisa possui uma abordagem qualitativa, “entendida como aquela capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes estruturas ao ato as relações e as estruturas sociais” (MINAIO, 1998, p.18). Dito de outra forma se entende que há uma relação entre o mundo real (objetivo) e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzida em números.

Dessa forma, ao se estudar o periódico Gazeta do Aracaju, como veículo de informação, se vai pesquisar para além da notícia. Buscou-se observar os motivos de sua criação, apresentar seus fundadores e suas vinculações sociais e políticas, seus editoriais, sua estrutura física no que diz respeito aos aspectos que compõem sua materialidade, e então, submetê-los a uma análise a partir dos métodos bibliográfico e documental.

À princípio, recorreu-se a pesquisa bibliográfica, pois, esta possui a finalidade de colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e registrou a respeito do tema de pesquisa. Como todo método, possui vantagens e desvantagens. Como vantagem, destaca-se por permitir ampliar o conhecimento sobre um determinado fenômeno ou fato, sobretudo se esse conhecimento estiver disperso em diversos espaços. Contudo, é preciso atentar que o pesquisador deve estar atento às informações equivocadas que muitas vezes algumas fontes secundárias possuem (CARVALHO; MARTINS; SARTORATO, 2004).

Dessa forma, visando o levantamento em base de dados de obras relativas à história da imprensa no Brasil e em Sergipe, procuramos compreender a função da imprensa como instituição social. Assim, para compreender a evolução da história da imprensa nacional utilizou-se Laurence Hallewell(2011), Nelson Werneck Sodré e Ana Luiza Martins. E sobre imprensa Sergipana utilizou-se Sebrão Sobrinho, Acrísio Torres de Araújo e Armindo Guaraná, dentre outros. Também se buscou teóricos da área do conhecimento histórico, no que diz respeito a trabalhar um periódico como objeto de pesquisa, a saber: Tânia de Luca, Carlos Bacellar, Carla Pinsky, DulcíliaBuittoni e Helena Capelato. Tais obras serão fundamentais para compreensão do fenômeno estudado.

A pesquisa documental, por sua vez, foi baseada em fontes primárias e secundárias. Este método é extremamente importante pois consiste na identificação e análise dos documentos tanto do passado, quanto do presente, que sejam considerados oficialmente autênticos (SANTOS, 2000). Por fim, a pesquisa documental é auxiliar em outras técnicas de pesquisa, pois traz o novo acerca de um problema, tema ou objeto e ou fato. (LUDKE; ANDRÊ, 1986).

A fonte primária principal será o periódico Gazeta do Aracaju. A partir da sua análise se buscará perceber a criação, funcionamento, publicações, vendagem, tendências políticas, importância e características desse veículo de comunicação e informação sobre a Província sergipana no século XIX. Para tanto será utilizada a ficha técnica proposta pela Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar). A partir de tal ferramenta, é possível identificar informações importantes acerca do objeto, bem como registros acerca de eventos ou sobre o próprio impresso.

Outras fontes relativas ao tema que foram a exemplo de biografias, o registro de inscrição do jornal Gazeta de Aracaju no livro da antiga Associação dos Jornalistas sergipanos e textos que apresentem dados acerca do referido periódico.

As fontes primárias para realização dessa pesquisa encontram-se na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, de livre acesso, digitalizadas e estão acessíveis à pesquisa. As outras fontes, como textos, biografias e obras relativas ao tema, são encontradas na Biblioteca Pública Epifânio Dória, no

Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS) e nas Bibliotecas da Universidade Federal de Sergipe.

Quanto a estrutura, o trabalho final estará dividido em cinco seções a saber: a *Introdução*, que contém um apanhado do tema, os objetivos, geral e específicos, a pergunta de pesquisa e a justificativa do trabalho. Na segunda seção, intitulada *Desenvolvimento da Impressão Tipográfica*, será realizado um apanhado acerca dos antecedentes da imprensa, criação da imprensa escrita, os impressos no Brasil, a expansão do jornalismo no século XIX no Brasil, e os periódicos como objeto de pesquisa. A terceira seção comporta a *Metodologia* utilizada para realização do trabalho. A quarta seção, A criação da Imprensa em Sergipe trará aspectos do contexto histórico sergipano à época da implantação da imprensa e de seus principais idealizadores no século XIX em Sergipe. Na quinta seção *A Gazeta de Aracaju (1879-1888): a história de um periódico*, será realizada uma análise da materialidade do periódico Gazeta do Aracaju, destacando suas características, filiações, estratégias de distribuição, bem como a importância desse veículo para os sergipanos ao final do século XIX.

Isto posto, na próxima seção, será abordado o surgimento da imprensa em Sergipe – motivações, pioneiros e principais periódicos que surgiram no século XIX na antiga Província de Sergipe D'el Rey com o objetivo de apresentar o contexto no qual surgiu o periódico estudado.

4 NOTAS DA PROVÍNCIA DE SERGIPE E DA IMPRENSA OITOCENTISTA

O século XIX em Sergipe foi marcado por inúmeros acontecimentos significativos. Aqui se elencará alguns deles, de forma panorâmica. A independência da província foi um deles. A capitania tornou-se independente da Bahia durante o Primeiro Reinado, quando o então Brigadeiro Carlos Cesar Burlamaque (1775-1884) foi nomeado governador da província por carta Régia do dia 25 de julho de 1820. A Bahia, no entanto, não aceitou a separação e pediu a reincorporação do território sergipano. Após o fato, Sergipe teve um novo governador, o Brigadeiro Pedro Vieira de Melo (OLIVEIRA, 2005).

A expulsão do então governador Burlamaque intensificou o enfrentamento entre os que apoiavam a autonomia, os que eram chamados de facção colonizadora e os camaristas. O primeiro grupo composto por alguns senhores de terra da região e o segundo formado pelos portugueses e os senhores de engenho que se identificavam com a Bahia. Por fim, os camaristas que eram de São Cristóvão e o status médio urbano que era chefiado por João Matheus Leite Sampaio (OLIVEIRA, 2005).

Contudo, ao fim do conflito com a Bahia e do apoio imperial, o quadro político se polariza. Surgem os conservadores, Corcundas, representados pelos senhores do açúcar e os portugueses que de alguma forma eram ligados a esses senhores e que residiam em Sergipe. Confrontava-se com o Partido Liberal, mais tarde chamado de Camundongo, que congregava uma “elite menor”, a dos senhores de gado. Esses dois grupos marcaram a história política da província, a qual refletiu-se também nos periódicos que surgem no século XIX (OLIVEIRA, 2005).

Tais partidos foram responsáveis nesse momento político de Sergipe por protagonizar enfrentamentos nas urnas, nos periódicos e nos conflitos armados no interior Província, a exemplo da Revolta de Santo Amaro (1836). Esse fato marcou a história política da capitânia. Os Corcundas viram-se encurralados e temendo perder as eleições adulteraram documentos e fraudaram as atas da eleição para deputado da província. Esses acontecimentos resultaram na Revolta de Santo Amaro, que era o reduto de concentração do partido Liberal. Durante esse episódio, foram registrados

alguns assassinatos, roubos e perseguições aos moradores da Vila. Em decorrência desse fato, os partidos políticos ganharam a alcunha de Rapina (Conservadores) e Camundongos (Liberais). Em 1850, tendo que acompanhar o movimento nacional, os nomes dos partidos foram alterados para Conservador e Liberal (OLIVEIRA, 2005). O pesquisador Ibarê Dantas (2016), aponta as principais diferenças entre os grupos partidários:

Apesar das tendências patrimonialistas, os perfis dos partidos políticos plasmavam-se com algumas diferenciações. Os liberais defendiam a soberania popular, o Senado eletivo, a descentralização e a extinção do Poder Moderador; enquanto os conservadores manifestavam-se favoráveis à centralização e a manutenção do Poder Moderador com todas as suas prerrogativas políticas e administrativas (DANTAS, 2016, p.34).

Outro fato marcante do período foi a transferência da capital. A mudança ocorreu no dia 17 de março de 1855 e essa mudança relacionada está diretamente relacionada ao crescimento da economia açucareira e do fato de São Cristóvão não ter suporte para receber grandes embarcações, passando assim a ser capital da província o povoado de Santo Antônio do Aracaju. Durante o segundo Reinado o controle político da província era feito em forma de revezamento - um ano eram os Rapinas que comandavam e no seguinte era a vez dos camundongos que detinham o poder (OLIVEIRA, 2005).

Contudo, com a passar do tempo, por toda a província começaram a se manifestar os anseios liberais, chefiados pelo comendador Antônio José da Silva Travassos (1804-1872). Os Camundongos acusaram os Rapinas de promover a violência e de algumas fraudes. Foi então que em 1855 as rapinas perderam o poder político que exerciam e o partido Camundongo se divide em alas remanescentes, denominada partido Liberal e a ala dissidente conservadora comandada pelo Barão de Maruim, o chamado partido Squarema (OLIVEIRA, 2005).

Contudo, nesse momento, a educação na Província era bastante precária. Segundo Nunes (1984) existiam apenas 30 turmas de aula em toda a Província. O presidente da capitania Manoel Fernandes da Silveira informava que a maior dificuldade era encontrar mão de obra qualificada. Somente em 1830 surge o estudo secundário com aulas de Filosofia, Retorica, Geometria e Frances, que geralmente eram ministradas nos mosteiros e conventos de São

Cristóvão. As primeiras turmas femininas surgem dois anos mais tarde nas cidades de São Cristóvão, Laranjeiras, Estancia e Propriá.

Ainda durante o século XIX foi fundada em 16 de junho de 1848 a Biblioteca Provincial de Sergipe que passou a funcionar efetivamente em 1851 no convento de São Francisco, em São Cristóvão. Após a mudança da capital ela foi transferida para Aracaju e passou a ser chamada Biblioteca Pública do Estado e só passou a ser chamada Biblioteca Pública Epifânio Dória no ano de 1970 (OLIVEIRA, 2005).

Somente em 1870 é que chega a Sergipe as ideias republicanas e a cidade de Estância se consolida como o foco principal de tais ideias. Posteriormente, recebe o nome de cidade republicana e logo após o fim da escravidão o partido republicano passa a ser organizado na cidade de Laranjeiras (OLIVEIRA, 2005).

Em relação à educação, o evento cultural da década foi a fundação em 24 de outubro de 1870 do Atheneu Sergipense no aniversário de quinze (15) anos de Aracaju como nova capital. Tais mudanças certamente contribuíram para formação de gerações de intelectuais, fato este que contribuiu para o desenvolvimento dos periódicos em Sergipe.

4.1 Notas acerca da Imprensa sergipana

O primeiro jornal sergipano a circular em 1832 foi o Recopilador Sergipano, que teve em seu primeiro número publicado em setembro do mesmo ano. Era de formato pequeno media 25 x 15, tinha quatro laudas e duas colunas, as assinaturas eram pagas adiantadas, eram trimestrais e custava 2 § e na tipografia do Silveira era semestral com custo de 4§, seu primeiro redator foi Carvalho Lima Junior. Posteriormente, assumiram tal posto o padre José Alves Pitangueira e o professor Joaquim Mauricio Cardoso. Contava ainda com os correspondentes Antônio José da Silva Travassos (Laranjeiras), Jose Pinto de Carvalho (Santo Amaro das Brotas) e Joaquim Mauricio Cardoso e o padre Joaquim de Campos (Maruim) (SOBRINHO, 1946).

Figura 1 - Imagem de capa do Recopilador Sergipano



Fonte: www.istoessergipe.blogspot.com

Era publicado as terças-feiras e aos sábados na Vila Constitucional de Estância. O jornal era planejado nas reuniões que aconteciam na primeira tipografia sergipana, a tipografia do Silveira, assim era chamada porque pertencia ao Monsenhor Antônio Fernandes da Silveira. Porém o jornal não teve uma vida longa, desapareceu logo em seguida no ano de 1834. Apesar da vida curta o periódico circulava por todo o estado e possuía pontos de vendas. Na cidade de Maruim, era vendido na casa do Sr. José Pinto de Carvalho, bem como comercializado na Vila de Laranjeiras (RECOPILADOR SERGIPANO, nº. 117, 1833. p.1).

Em relação a outros jornais posteriores o Recopilador tinha um formato modesto e era mais voltado para a literatura. Embora de curta existência com ele se deu início a circularidade das ideias em Sergipe, pois ele noticiava assuntos internos, bem como publicava informações para além da Província (GUARANÁ, 1913). Acerca desse periódico, explicita Brasil (2015, p.1):

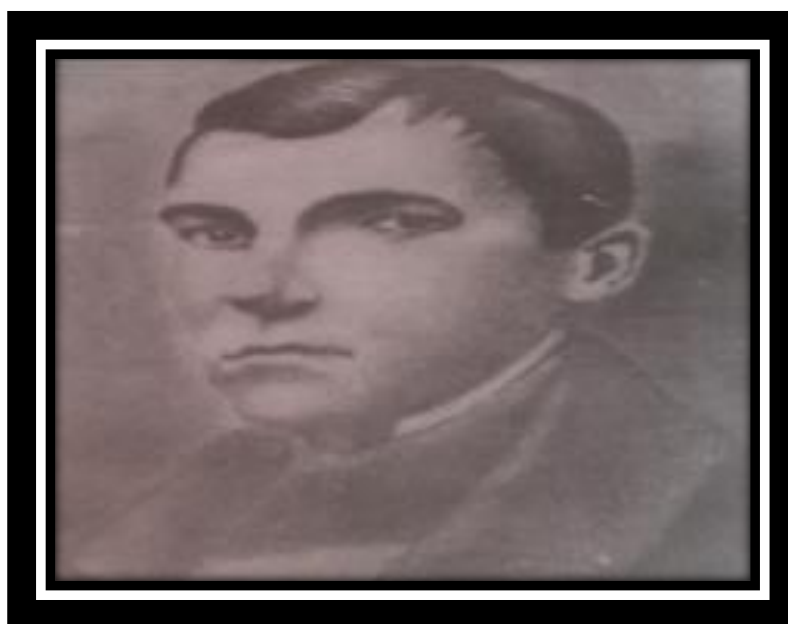
Politicamente ameno e oficalesco, respeitoso à Regência, o Recopilador Sergipano tinha pendores liberais moderados; no debate público onde se opunham os liberais antilusitanos, ditos “exaltados”, que aplaudiram a abdicação de Dom Pedro I, e os conservadores que apoiavam a restauração do imperador, apelidados de “caramurus”, o jornal esteve com aqueles. Sua periodicidade era de três em três dias, mas algumas de suas edições podiam vir a lume em intervalos semanais.

Após o fechamento do jornal o Monsenhor Silveira transferiu-se com sua tipografia para São Cristóvão. Um ano depois, em 1835, ele abriu outro periódico intitulado “Noticiador Sergipense”, “Folha official, política e litteraria” (BRASIL, 2015). Contudo, as pesquisas demonstram que o referido jornal se voltou para a promoção da política governamental da província. O Monsenhor Silveira aliou-se ao presidente Bento de Mello Pereira e em sua capa estampava o brasão imperial. Mesmo nessa direção, para além de política, esse periódico dedicou-se a publicar “atos oficiais, com a publicação de editais, atas e pronunciamentos diversos da Assembleia Legislativa Provincial, da Tesouraria Provincial, da Promotoria Pública, da Câmara Municipal e da Recebedoria Provincial” (BRASIL, 2015, p.1).

Por fim, o Monsenhor Silveira fundou seu terceiro jornal, o Correio Sergipense em 1838. Ainda nesse ano, desfazendo-se de sua tipografia vendeu-a ao governo provincial. Assim, e passou a ser administrado pelo governo da Província. Apesar da grande perda documental na Biblioteca Pública Epifânio Dória estão disponíveis os exemplares 113 a 249, embora em estado bastante delicado (SOBRINHO, 1947).

À frente do Recompilador Sergipano e dos periódicos anteriormente citados, esteve o Monsenhor Antônio Fernandes da Silveira (1805 -1862).

Figura 2- Monsenhor Silveira



Fonte: REVISTA AZI, 2013.

O Monsenhor Silveira era descendente da nobreza portuguesa, e filho do Senhor Joao Batista da Silveira e da Maria Zeferina de Andrade. Estudou o primário e parte dos estudos secundários na província sergipana e transferiu-se logo depois, para a cidade de Salvador na Baía de todos os Santos onde continuou os estudos preparatórios nos anos de 1815 e 1816 frequentando aulas de Filosofia no seminário “San-Damaso” que tinha como reitor frei Domingos das Dores”. No ano de 1818 o Monsenhor se matriculou no curso de teologia onde foi ordenado entre os anos de 1820 e 1821 (SOBRINHO, 1947, p.34).

Ainda de acordo com Sebrão Sobrinho (1947), quando retornou a Sergipe o Monsenhor encontrou uma grande agitação política. Fiel a monarquia, exerceu cargos de confiança e desempenhou papel importante nas comissões recebendo honras pelo governo imperial. Lutou pela capitania, e algum tempo depois em meio as disputas políticas foi denunciado pelo padre português José Gonçalves de Figueiredo, por liderar a perturbação da ordem na capitania, e com seus seguidores foi preso e enviado a Bahia de onde somente retornou após a libertação de Sergipe da Bahia (SOBRINHO, 1947)

Em seu segundo retorno o Monsenhor engajou-se totalmente na política tendo assumido diversos cargos tais como membro do Conselho Geral da Província, da Assembleia Legislativa como deputado e presidente permanecendo na casa desde 1834 a 1841. Foi representante de Sergipe na Câmara dos Deputados em três legislaturas de 1830 a 1841, de 1850-1852 e na 1843-1844 dessa vez exercendo a função de suplente. Exerceu ainda cargos fora de Sergipe: secretário do governo do Piauí, onde também se elegeu deputado em 183-1833 mais renunciou por preferir assumir o cargo na sua província. Foi vice-diretor da Biblioteca Nacional. Faleceu na Vila de Itapicuru na Bahia no dia 30 de janeiro de 1862 (SOBRINHO, 1947).

Segundo Acrísio Torres, 1993, p.15:

O Monsenhor Antônio Fernandes da Silveira, cognominado “Pai da Imprensa Sergipana” muito cedo envolveu-se nas lutas políticas locais. Também da Corte desde 1822, ano da independência. Era patriota, um eloquente tribuno político.

Em relação à imprensa do século XIX muito ainda precisa ser feito no estado de Sergipe. Estas estão em estágio inicial e poucos ainda são os estudos sobre

o tema. Dentre os estudos mais antigos destacam-se as contribuições de Armindo Guaraná (1913), Sebrão Sobrinho (1947) e Acrísio Torres de Araújo (1993). Mais recentemente, surgiram alguns outros estudos acadêmicos, monografias, e algumas poucas dissertações de conclusão de pós-graduação (RAMOS, NUNES, 2008).

Pesquisador voraz, o jornalista Luís Antônio Barreto (2007), afirmou que apesar do êxito do empreendimento da primeira tipografia do Monsenhor Silveira, já havia imprensa em Sergipe muito antes de 1832. Ele afirmava que houve em Lagarto a tentativa de clérigos de montar uma tipografia. Entretanto, Maria Thétis Nunes (1984, p.57), corrobora com a ideia de que Monsenhor Silveira foi o pai da imprensa sergipana; para Nunes o Recompilador “foi o primeiro jornal da província sergipana fundado pelo cônego Antônio Fernandes da Silveira, tendo como redator o Pe. Jose Alves Pitangueira”.

É clara a importância dos primeiros periódicos sergipanos que abriram caminho para uma série de outras publicações que se seguiram. E essas buscaram alinhar-se a tendência nacional, inclusive na luta partidária explícita e violenta, embora muitos de vida efêmera.

Dessa forma, desde o surgimento do Recopilador até o ano de 1920 circularam em Sergipe duzentos e setenta e cinco (275) periódicos. Contudo, de muito poucos são os periódicos que possuem uma amostra significativa. A Biblioteca Epifânio Dória possui alguns exemplares, mas a maioria dessas publicações estão perdidas ou talvez, se encontram fora do Brasil. Tal fato, dificulta as pesquisas. Outro fato elencado pelos pesquisadores diz respeito ao fato do baixo nível técnico dos periódicos que tinham por costume não mencionar seus redatores.

Segundo AcrísioTôrres de Araujo (1993), os jornais da época não possuía um corpo organizado de redação, os únicos que tiveram uma vida longa foram os que publicavam para o governo, no interior da Província até existiam jornais mais eram sempre em formatos pequenos e mal impressos, a cidade de Laranjeiras foi considerada como sendo o maior centro cultural e artístico de Sergipe durante dez anos(1841-1851), e teve uma grande influência na imprensa com seus jornais que eram ligados geralmente a partidos, associações culturais e a igreja, alguns merecendo destaque que são

o Monarquista Constitucional, O Triunfo, O Guarany, O Observador, O Telegrafo e a Voz da Razão (TORRES, 1993).

Outros desapareceram por completo. Um exemplo desse fato é O Monarquista Constitucional, primeiro jornal a ser impresso na cidade de Laranjeiras em 1841 e não se sabe da existência de nenhum exemplar. O Triunfo (1844), era tido como um órgão político e conservador, mas não constava em seus impressos, o nome de redatores (TORRES, 1993).

Também haviam disputas acirradas entre os periódicos, a exemplo dos títulos A União e o Correio Sergipense. O primeiro começou a circular na cidade de Estância no dia 2 de julho de 1852 e fazia oposição ao presidente da Província José Antônio de Oliveira e Silva, tendo como redator Domingos Mondin Pestana. O segundo era seu opositor mais ferrenho. Como anteriormente visto, o Correio Sergipense estava ligado ao governo, que procurou com o passar do tempo, fazer o mesmo percurso das publicações nacionais, deixando de ser um jornal oficioso para ser noticioso.

A Crença (1873), que era órgão conservador. Tinha como seus editores Pelino Francisco de Carvalho Nobre e José Luiz Coelho e Campos, sendo editado por dez anos até a chegada da República. Este foi uns jornais mais importantes dos últimos tempos da monarquia em Sergipe. Intitulava-se neutro na luta entre os partidos. Contudo, se pode notar que tal afirmação não se mostra verdadeira, uma vez que esses redatores também escreviam para órgãos conservadores.

Figura 3— Jornal A Crença

ASSIGNATURAS

ORTE E NITHEROY

PAR UM ANNO. 10\$000

PAR SEIS MEZES. 6\$000

PAR TRES MEZES. 3\$000

ADIANTADAS

A CRENÇA

ASSIGNATURAS

PROVINCIAS

PAR UM ANNO. 12\$000

PAR SEIS MEZES. 7\$000

PAR TRES MEZES. 4\$000

ADIANTADAS

JORNAL HEBDOMADARIO, POLITICO, LITTERARIO, E PUGNADOR
DOS INTERESSES POPULARES

Publica-se todos os domingos á typographia — Portugal e Brasil, — rua d'Assembléa n. 34, — onde recebem-se assignaturas, correspondencias e reclamações. Recebe todo e qualquer artigo litterario, politico, de interesse geral e poesias, dando-lhes inserção gratis, uma vez que sejam approvados pela redacção. Sendo seu fim combater os abusos e immoralidades da epocha, tanto na Corte como nas Provincias, não se presta, porém, ás injurias, vida privada, ou desabafos pessoais. Sua politica é a liberal progressista, respeitando sempre não só as opiniões contrarias, como os seus adversarios politicos. As correspondencias e publicações a pedido pagarão o que fór com a redacção convencionado, sempre adiantadamente, bem como as assignaturas, que fundarão sempre em março, junho, setembro e dezembro.

A CRENÇA.

Domingo, 12 de Julho de 1865.

Apparecem quasi sempre, pelas proximidades das epochas eleitoraes, tantos patriotas e pretensos liberaes, que não sabemos donde vierão, o que querem, nem para onde vão.

D'aqui, é um empregado publico, por ter sido dimittido da repartição; d'alli, é um artista que fóra despedido do Arsenal, para dar lugar a um estrangeiro; d'aquella, é um sem numero de outros tantos descontentes e independentes, que admira como os liberaes, possuindo tantos e tão desinteressados patriotas, já não estejam fartos, e muito mais de repartirem por esses seus desinteressados o eterno e sempre desejado pão de lot e thesouro, que muito doce, bem feito e sabroso deve ser, segundo crêmos.

Esse patriotismo ou liberalismo que se desenvolve e ataca, como uma epidemia, a classe baixa de nossa sociedade, sempre propensa ao liberalismo, tem epochas em que affecta de um modo tão forte e violento a classe que se julga mais elevada, que d'entre ella se distinguem candidatos á gloria e perigosamente affectados dessa gloria, que no delirio em que jazem, se de que ainda hontem erão os mais incarniçados inimigos da politica

ou partido, em cujo gremio, hoje, se desejam lançar.

Ha homens que assim praticão, e no entanto vão vivendo.

Assim como os corvos, buscão em bandos, somente os lugares em que descobrem pasto á sua voragem, assim certos especuladores, buscam o lado politico em que lobrigam as vantagens que podem desfructar. Isto poderá ser crença ou opinião politica? Não, nunca!

O homem que vive n'um paiz constitucional, onde o povo, o simples cidadão, tem o direito de seguir os impulsos de seu coração sem a obrigação de mostrar ou de consultar alguém sobre a cedula em que vai ou pretende votar, nem coagirse pela presença ou ameaça de seus superiores, no livre gozo de uma prerogativa que lhe é garantida pela lei, nunca devia, nem deve votar, senão como lhe ditar a sua consciencia ou sua convicção politica. Mas:

Vemos homens que votarão nas passadas eleições com os então chamados conservadores, introduzindo-se no lado liberal, e buscando inculcarem-se por uns liberaes sempre puros, santificados e até canonizados, senão pelo Summo Pontifice, em Roma, ao menos, na epocha de que acabamos de fallar, pelo Papa do Brasil.

O partido liberal geméo 14 annos sob a pressão de uma politica pessoal, que só tinha por fim a maxima jesuitica do *solum sibi*, e o exclusivismo e perseguição eterna contra aquelles que se pronunciasssem sectarios da politica liberal, então decabida.

Durante esses 14 annos bem poucos forão aquelles que desprezarão as iras dos senhores da terra e sacrificarão-se por suas crenças e parcialidade politica.

Hoje, porém, tudo é liberal, e o que mais admira é o cynismo com que elles se declaram da *gemma*, e se apresentam e introduzem nas chapas e nos meetings eleitoraes.

Examine, porém, cada um delles: consulte o seu passado e o seu presente politico, e vereis que entre muitos liberaes de hoje, encontrareis o saquarema de hontem, o conservador de amanhã.

Dissêmos no nosso numero passado, que — pasmos e admirados viamos a opposição que homens que se disem, e aliás são liberaes, pretendem estabelecer contra o actual ministerio, que, até o presente só merecia as iras do lado conservador.

Encontrando em apoio de nossas idéas dous illustres e reconhecidos liberaes os Srs. Drs. Felix Xavier da Cunha e Gaspar Silveira Martins, temos o prazer de transcrever em outro lugar, a circular por elles dirigida ao corpo eleitoral do 2.º districto da Provincia do Rio Grande do Sul, que é um perfeito programma politico, que faz honra a seus dignos signatarios.

— Já que assim o queres, lá vai:

« Haverão pouco mais, ou menos 15 dias, que sahindo eu do estabelecimento, onde trabalho, encontrei-me com uma familia, desconhecida para mim até então.

« Respeitosa e rapidamente dei a calçada, mas não tão depressa que não visse, entre essa familia, uma joven, para quem logo senti uma attracção irresistivel!

« Tencionava, —era-me mesmo preciso ir até a rua do Rosario, mas tomei a deliberação de seguir aquelle interessante grupo.

« Tomarão a rua do Ouvidor e eu...

— No teu respeitavel costume... *idem!* interrompe Augusto.

— « Segui-a até ao campo de Sant'Anna, onde entrarão em uma grande casa de deus andares, que por ali ha

LETIN DA CRENÇA.

CAROLINA.

N.º ORIGINAL BRASILEIRO

POR ***

CAPITULO II.

os dous acabarão a refeição, Augusto veio e preparando um cigarro, obriga Alfredo a ppanhava a narrar-lhe o que tivera pro-

eu tenho a contar-te é muito simples, dizendo um charuto.

essa mesma simplicidade, que eu gosto de vamo-lá... Conte...

Para além desses se pode citar O Rabudo, periódico crítico e anedótico que se destacou pela campanha para eleições diretas na Província, conseguindo apoio de liberais e conservadores em torno da causa por ele defendida. Outro jornal de grande importância foi o Laranjeirense fundado no dia 1º de janeiro de 1878 por Joaquim Anastácio de Menezes, que dispunha dos mesmos colaboradores de O Republicano, periódico que também circulou em Laranjeiras. Fato muito comum entre aqueles que possuíam mesmas ideias e militavam em correntes políticas.

Segundo Nunes (1984), alguns desses jornais se modernizaram com o passar do tempo e deixaram de ser publicados semanalmente, passando a ser diários, atendendo a demanda do crescente público leitor. Não se pode esquecer outros como o Jornal de Sergipe (1866) que sucedeu o Correio Sergipense. Era um órgão do Partido Liberal e circulou até o ano de 1877. Substituiu-o em convicções, O Echo Liberal que circulou de 1877 a 1883, em defesa dos liberais.

Já em fins do século as ideias republicanas já se faziam presente na Província. O Horizonte (1885) foi em Sergipe, o grande apoiador da República, fazendo campanhas em suas páginas, tendo como redator Felisbello Freire que contava com a colaboração de Joao Ribeiro e Sílvia Romero.

Vê-se que a Província de Sergipe, não obstante os graves problemas que se apresentavam à época, seguiu uma tendência nacional, pós censura e pós-independência. Foi responsável por um volume significativo de impressos, embora o descaso prejudique bastante as pesquisas na área.

Dito isto, a próxima seção abordará a Gazeta do Aracaju, buscando levantar a partir das pesquisas algumas considerações acerca desse periódico ainda não estudado em Sergipe.

5 A GAZETA DO ARACAJU (1879-1888)

Figura 4 – Gazeta do Aracaju

Gazeta do Aracaju

ASSIGNATURAS

NA CAPITAL

Por anno \$8000
Por semestre \$4000
Por trimestre \$1300

ORGÃO DO PARTIDO CONSERVADOR

Anno II Sergipe, 4 de Dezembro de 1880. Numero 77

Justa denuncia.

A quem, abroquelando-se com o officio sem data do sr. chefe de policia, defendeu em sua noticia —Justa denuncia— a Gazetilla do Jornal de Sergipe?

Se ao presidente da provincia, como se pode inferir desta: suas palavras: «Só a malquerença ou a má fé poderá suspender da honrada palavra de s. exc., e si a fraude della abusar.» cingiu em regra, caiu n'um sophisma de nova especie; porquanto a Gazeta de 20 do passado não expunha da palavra de s. exc., ao contrario, cheia de confiança, pediu a s. exc. o castigo das duas autoridades policiaes que visitaram S. Antonio e outros suburbios da capital, intimidando, em nome do governo, ao povo para votar com os de sua gregu.

Se ao delegado e subdelegado de policia, perdoou todo um esforço, suppondo aliar uma lança em Africa, porque do resumo do depoimento das testemunhas, pela Gazeta apresentadas, vê-se que a nenhuma dellas se perguntou o que affirmaram, nem a Manoel Gomes dos Santos Ferraz, conservador a quem não se atrevia a intimidar, perguntou-se se sabia que o delegado e subdelegado de policia tinham ido à casa de algum cidadão pedir votos em nome do governo, acompanhados de seus respectivos ordenanças.

A Gazeta não foi ante-verdadeira; porque ella sabe que, na loja do sr. João Victor de Mattos, na presença de João Cyrillo e outros, o subdelegado declarou que, por causa da denuncia do *Democrata*, ia pedir votos em caracter official, acompanhado de ordenança; que a thesauraria Geral, presente o sr. major Odorico Barretto, que o interpellava, o delegado confessou seu crime; que ao sr. Augusto do Magalhães Carneiro o sr. Prado Pinto declarou ter acompanhado o delegado e subdelegado, e que estes pediam votos em nome do governo; e finalmente que o mesmo sr. Augusto ouviu a Camillo José de Sant'Anna affirmar que foi convidado pelo delegado e subdelegado a votar com o governo.

Não poda, pois, a Gazeta tomar o caso, como se lhe recommenda, de exemplo para proceer-se contra o perigo agudamente de levantar os boatos de maledicencia e de alisar a altura da responsabilidade de sua palavra, mesmo oppoçionista.

Porque a Gazeta ha de tomar o caso como exemplo, se ella vê que o inquerito e o officio do dr. chefe de policia não tem o menor valor juridico, e aquelle escusou varias profanas?

A Gazeta não foi mal informada nem injusta, como disse a *Gazetilla do Jornal de Sergipe*; porque seu costume não é este.

A Gazetilla, porém, foi victima de uma capciosidade do sr. dr. chefe de policia, que, em sua linguagem menos delicada, disse que a Gazeta se desmentiu a si propria, com as mesmas testemunhas para quem apellou.

Pode voltar agora a novas inqueritos o sr. dr. chefe de policia.

As testemunhas apresentadas nesta replica não são das que se possam embair pelas agradecidas do s. s., nem das que possam sentir panico ante as suas intimidações.

Affinal o exm. sr. dr. Oliveira Bello ha de conhecer quem falla a verdade, se nós, seus adversarios, se a Gazetilla do *Jornal de Sergipe*.

A Gazeta fica certa do pensamento de s. exc. que diz:—despois de reconciliação dos pleiteantes em bem da ordem publica e em beneficio de todos, não apouca nem hostiliza directo ou indirectamente nem a cordilheira nem a adversarios, e deseja não ter occasiao de exclamar: «Timoé Damaes e dona ferrentes», mesmo porque já ouviu a um chefe liberal dizer que o governo vem sempre eleições, visto como quando não quer usar da força, lança mão dos meios indirectos, para exemplo do que o mesmo individuo cita nas *testemunhas e intimidações* que fizeram uso as autoridades em questo.

A Gazeta está no seu posto, não recua diante dos factos consummados, embora gritem que ella é gorda, é falsa e injusta.

A Gazeta acredita que o olho da opinião publica está sobre si e seus adversarios; e pois prosegue, despresando quanto a incommoda, e quanto desce ás misérias do *Echo Sergipano*, e aos furiosos do *Echo Liberal*.

Paralelo politico.

Hontem Sinimbu, hoje Saraiva. Ambos fortes atute, arcades ambos. Queremos dizer: generares ambos do mesmo partido; um antecessor, outro successor e continuador.

Saraiva prestou apoio franco, amplo e sem restricções a Sinimbu, como organisador do gabinete 5 de Janeiro; Sinimbu, acolytado por Affonso Celso, presta igual apoio a Saraiva, como organisador do ministerio 28 do Março.

Mas os dous gabinetes, apesar de conter o segundo em si o conselheiro Dantas, que era, nos auxilios ao 5 de Janeiro, o ajudante de campo do actual presidente do conselho, em administração, como em politica, quem, penoso e praticam cousa diversa, e guerreiam-se com ingente vigor no attinente ás idéas.

Foi por isso que, tendo Sinimbu declarado ao parlamento que subira por simples preferencia da corba, que entendia sendo entre o poder aos liberais; Saraiva, que só cogita da existencia do poder pessoal, quando de baixo, na de sobido, que só embo é que o governo se achava no verdadeiro terreno liberal, o que, se ha-de confessar, importa uma condenação formal, como *il fruit*, da posição de seu antecessor.

Foi assim que Sinimbu, chegando à região do poder, estudou os escrupulos imperaes, para organizar o projecto da reforma eleitoral, que os servis deviam aprovar, como approvaram; e Saraiva, no mesmo ponto, consultou seus amigos e seus adversarios, para formular o projecto que devia sujeitar à corba, depois de approvado pelos mesmos servis.

Foi assim que aquelle se estripava pela constituinte, e este pelos meios ordinarios; que aquelle marcava uma renha no votante nunca menor a 400\$000, e este baixou o censo para 200\$000.

Foi assim que Sinimbu sacrificou dous collegas para não admitir que acatholicos votassem; e Saraiva fez dos acatholicos voluntarios.

Aquelle queria dissolver a camara; e este disse terminantemente que não a dissolveria, pois que ella representa a flor do partido.

Affonso Celso enrouqueceu defendendo o imposto do vintem, que dda causa á acena do sunto; Saraiva revogou esse imposto por um discurso.

Affonso Celso ordenou grandes compras de café; e Saraiva disse: «Não sei se se farei, como o Celso, por conta do Estado.»

A decisão do mesmo Affonso Celso sobre a estrada Leopoldina, que o sr. Sinimbu entende que não devia pagar fretes á de Pedro II, foi energicamente combatida pelo sr. Barque de Macedo.

Sinimbu chegou a conceber que o melhor meio do dar vitalidade á lavoura definitiva, consistia em substituir o filho d'Africa pelo filho da China; Saraiva não ligou a minima importância á missao ao Celeste imperio.

Governando Sinimbu e Celso, soffreram os amigos de Silveira Martins e mais encarnicada guerra no Rio Grande do Sul, e gosaram os adeptos de Osorio tudo quanto foi ferver, moquecos e carinhos; Saraiva mudou de rumo, levantou os proselytos de Silveira Martins, e humilhou os de Fernando Osorio e Flores.

Em Pernambuco, Sousa Carvalho supplentou os leões, no tempo de Sinimbu; e os leões supplentaram Sousa Carvalho, no tempo de Saraiva.

Uo uo admira é que, apesar de todas estas cousas, entre Sinimbu e Saraiva, Celso e Dantas recorda mais complicitade e voluntaria accordo.

Que significa isto?

As idéas não tem apreço para os liberais que, tirando a injuria de si, chamam-nos os homens de dentro, prontos vultures; seu alvo d'elles é o gozo do poder, é o primeiro cisco.

José Thomaz Nabuco de Araújo, Bernardo de Souza Franco, Zacharias de Goss e Vasconcellos, Antonio Pinto Chichorro da Gama, Francisco José Furtado, José Pedro Dias de Carvalho, João Lustosa da Cunha Paradanguá, Theophilo Benedicto Ottoni, Francisco Octaviano d'Almeida Rosa, todos os senadores liberais de 1868, disseram que a emancipação dos escravos era uma grande questão da actualidade, uma exigencia imperiosa e urgente da civilização, desde que todos os estados abeliram a escravidão, e o Brazil era o unico país christão que a mantinha; que certamente era ella um dever inherente á missao do partido liberal, e um grande gloria para o mesmo Brazil a reivindicacão da liberdade de tantos milhares de homens, que vivem na oppressão e na humilhação; e o sr. conselheiro Saraiva, em sua carta programma ao sr. conselheiro Nabuco, declarou que de trabalho escravo derivam-se todos os nossos atrazos industriais; entretanto, ha ja trez annos que os liberais sobiram ao poder, e os escravos do Brazil continuam a ser escravos, e o sr. Martinho Campos chama ao sr. Joaquim Serra e mais deputados abolicionistas de incendiarios e socialistas, apresentando a nova theoria de que a camara só deve receber impulso do corpo eleitoral que a elegem, e não de pessoas que mostram não ter o juizo necessario para tal-o, e que nem ao menos pela maior parte são electores!

No 5 de Janeiro e no 28 de Março, os mesmos ministros resolveram hoje uma cousa, e amanhã revogam-na; e como succedeo ao sr. Lafayette sobre o banco nacional e ao sr. Honora de Mello nas questões eleitoraes.

Tudo é antithese, tudo é incoherencia!

Entretanto quer devorar-nos o *Echo Liberal*, quando, aos olhos do publico da provincia que não lê as gazetas da Corte, apresentamos, cheios de magoa e de lastima, todas estas e outras pustulas do seu partido.

Que fazer?

Elle que riahe, como velha rabugenta, noite e dia, sem cessar mesmo.

Resistiremos ás suas objurgatorias, do mesmo modo que o amianto resiste ao fogo.

Cuida um no seu papel.

Nos, com a verdade sobrepada; e elles, com a declamação e o desaffaire nos labios.

Prostramos ambos.

O publico nos julgará ante o evangelho do bom senso.

NOTICIARIO

Até hoje não se dignou ainda o exm. sr. dr. Oliveira Bello declarar a razão pela qual houve de casar a nomeação do adjuncto do promotor do thesauraria, recuada na pessoa do sr. Antonio Bezerra, que fura nomeado sob proposta do digno e integro juiz de direito da camara, nosso prestissimo amigo, sr. dr. José Martins Fente.

Esperamos que cesse a intolerancia da presidencia, afm de que possamos fundadamente fazer a critica dos actos da administração.

ASSIGNATURAS

FORA DA CAPITAL

Por anno 18\$000
Por semestre 8\$000
Folha avulsa 320

Foi despronunciado pelo dr. juiz de direito do Rosario nosso prestissimo amigo, sr. José Sature Barretto, que por denuncia do sr. José Bernardino dos Pógos, estava sendo processado por crime de responsabilidade, no caracter de juiz municipal supplente.

Ainda uma vez triumphou a causa da justiça.

Perthmas ao digno despronunciado.

Honramos de novo as columnas de nossa Gazeta transcendendo um importante discurso do notavel brasileiro, o conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, pronunciado na sessão de 25 de Outubro no senado, de que é um de seus mais dignos luminaries.

A palavra do ex-ministro do imperio, incisiva e clara sobre o assumpto a que se dirige de alcance real para a publica administração, accusa um caracter severo e nobre, ante o qual empalidecem os manejaes da rhetorica do governo e contrasta brillantemente com as impudencias do despotismo dictatorial e do filothismo, que dia por dia, eae levando a essa desesperada atumpção, em que o viver é mil vezes mais prejudicial ao progresso nacional do que o morrer.

Com grêças ao certoissimo desfecho, com palavra tão authorizada, com critica tão mortificante para o governo actual, e tão consoladora para as entrevisas grandezas da patria e do partido conservador, que a salvará, tornando-a desfallida e semimorta do fomentado liberalismo regenerador, vai o exm. conselheiro João Alfredo demonstrando que o patriotismo e o estudo das questões serias no Brazil não é para todos um jacto de hypocrisia com que engoda-se a opinião publica, e a expoisção de um capital com que arranja-se posição, comodidades e dinheiro.

Sobre a reforma eleitoral, diz o *Diario de Noticias da Bahia*, por telegramma:

«Rio, 20, ás 5 horas e 30 minutos da tarde. O senado approvou hoje por 20 votos contra 22, depois de larga discussão, o artigo 8.º da reforma eleitoral que confiere aos acatholicos o direito de elegibilidade.»

Deve-se notar que estavam ausentes os exms. sr. Diego Velho, Silveira Lobo, Teixeira Junior, João Alfredo, Sinimbu e Silveira da Motta.

Em data de 20 o senado approvou o artigo 9.º da reforma eleitoral com as emendas da commissão, e adiou a 10.º, conforme telegramma da corte ao *Diario de Pernambuco*.

No *Diario da Pernambuco* encontra-se o seguinte telegramma: —O Senado approvou, hontem, o credito extraordinario pedido para o material da armada, com uma emenda do conselheiro Ju-

O periódico *Gazeta do Aracaju* iniciou suas atividades no dia 04 de junho de 1879, sendo impresso a princípio na Typographia da Crença e, posteriormente, na Typographia Propriá que se localizava na rua de Itaporanga, nº 20, na cidade de Aracaju. Era editado semanalmente passando depois a ser publicado bi semestral o seu primeiro número media 39x26, com três colunas largas, que se elevaram depois a cinco colunas com as seguintes dimensões 41x27, em 1881 custava dois contos de réis, chegando a ficar mais barato em 1888, suas assinaturas por ano era de 8\$,000 por semestre 5\$,000 e por trimestre 3\$,000 já no interior suas assinaturas eram a seguinte por ano 10\$,000 por semestre 6\$,000 e a folha avulsa 320, foram mais de 800 exemplares circulou por dez anos, quando em 1889 o jornal acaba e Olimpio funda o então Jornal de Sergipe. Em seu primeiro editorial datado de 04 de junho de 1879, afirma que se trata de um veículo de opinião pública, político e noticioso quetinha como intuito conquistar um lugar de destaque na imprensa sergipana. Além disso, se propunha a ser a luz da publicidade e combater sem afrontar seus adversários e sem manchar a liberdade de imprensa no país, como afirma ser em seu editorial:

“[...] a luz da publicidade, rebustecida dos nobres estímulos que sempre despertam as lutas incluentes da palavra”, ainda em seu primeiro editorial acrescentava ser a sua “missão combater sem ultrajar procurando conservar sem maculas a liberdade ainda não confuscada e proscrita da imprensa independente, no país”. (GAZETA DO ARACAJÚ, 04 de junho 1879).

Segundo informações recolhidas na hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, o corpo editorial da *Gazeta do Aracaju* era assim constituído pelos redatores Brício Cardoso¹ - professor e jornalista, Severiano Cardoso²-

¹Brício Mauricio de Azevedo Cardoso, era filho do advogado Joaquim Mauricio Cardoso e de D. Joanna Baptista de Azevedo Cardoso, nasceu na cidade de estância em 9 de julho de 1844 e faleceu no dia 21 de novembro de 1924 na cidade de Aracajú, estudou filosofia no Atheneu Bahiano, foi professor substituto de geometria na Vila do Espirito Santo, em 1870 foi professor público do ensino superior em Estância, lecionava gramática portuguesa nas duas escolas Normais, das quais o mesmo foi diretor, em 1877 foi secretário do estado durante os governos do general Valadão e Martinho Garcez, escreveu em alguns jornais e também foi fundador e redator dos periódicos: *Bahia Ilustrada*(1867), *jornal dos Caixeiros*(1870), *Phenix*(1894), todos eram editados em Salvador, *Gazeta do Aracaju*(1879-1889), *Jornal do Aracajú*(1894), *A Notícia*(1896-1898), *O Republicano*(1890-1893), *Jornal do Comércio*(1877-1878), *O Guarany*(1878-1879), *O Tempo*(1909), *Necydalus*(1909), *Diário da Manhã*(1911-1918), *A Cruzada*(1911-1922), usou alguns pseudônimos em alguns jornais Dr. Langrado no jornal “*Bahia Ilustrada*”, Caliopio no jornal “*O Raio*”, e Insciens no jornal “*A colmeia*”, escreveu ainda alguns romances como *Herpes Sociais* que foram publicados em folhetim no jornal “*Bahia*”

professor, funcionário público e bibliotecário do gabinete da presidência da Província, Olympio de Souza Campos³, Pelino Francisco de Carvalho Nobre⁴, Nobre de Lacerda⁵, Coelho e Campos⁶, político e jurista, dentre outros

Ilustrada”, algumas peças teatrais “Madrasta e Enteada”, e o drama “A ceguinha e o “Escravo Educado” (GUARANÁ, 1925, p. 94)

²Severiano Cardoso nasceu no dia 14 de março de 1840, na cidade de Estância e faleceu aos 60 anos em Aracajú, era filho do professor Joaquim Mauricio Cardoso e D. Joanna Baptista de Azevedo Cardoso, estudou humanidade em Estância, foi escriturário no Colégio Atheneu Sergipense, secretário de Instituição Pública, diretor no colégio Parthenon Mineiro, fundou e dirigiu em 1880 o colégio Minerva, em 1882 regia a cadeira de nente de Italiano da escola Normal de Aracajú, régia em 1884 a cadeira de Aritmética e Lógica no mesma escola, professor de Literatura no Atheneu Sergipense, professor de Francês, Português, e aritmética em Estância, professor de Matemática na escola Normal, Bibliotecário Oficial no gabinete do vice-presidente no governo de Dr. Pelino Nobre, camarista e presidente da câmara Municipal de Aracajú, deputado estadual por duas vezes, membro efetivo da Instrução pública, escreveu alguns poemas, alguns discursos e escreveu em alguns jornais da província(GUARANÁ, 1925, p. 459).

³Sobre esse personagem, devido a seu destaque e por ser o dono da Gazeta do Aracaju, se falará mais no corpo do texto.

⁴Pelino Francisco de Carvalho Nobre, era filho do coronel Antônio de Carvalho Nobre e Dona Delfina, nasceu na cidade de Laranjeiras no dia 5 de setembro de 1839 e faleceu em 24 de dezembro de 1907 na cidade de Aracajú, era bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais formado pela Faculdade de Recife, foi Promotor em Aracajú, Curador de Órfãos, Deputado Provincial, diretor Geral da Instituição Pública em 1885 e 1887, Fiscal do Tesouro Provincial, Diretor do Asilo de Nossa Senhora da Pureza, Vice-presidente da Província, Chefe de Polícia Interno no ano de 1890, exerceu ainda o cargo de Juiz Substituto, Juiz Sensorial e Vice-presidente do Estado.

⁵Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, era filho de Dr. Luís Carneiro de Souza Lacerda e D. Adelina Nobre de Lacerda, nasceu no engenho São Pedro, no município de Laranjeiras, no dia 12 de maio de 1869, era bacharel em Direito, formado pela Faculdade de Direito do Recife, foi Juiz municipal da cidade de Aracaju, Juiz da comarca de Gararu, Procurador Fiscal do Tesouro do Estado, Gerente da Caixa Econômica de Aracaju, Secretário da Prefeitura Municipal do Recife Juiz da comarca de Águas Belas, Juiz Federal do Estado de Sergipe, exerceu ainda o cargo de Fiscal de Exames junto ao Atheneu Sergipense. Foi o sócio fundador do Instituto de Proteção e Assistência à Infância de Aracaju, da Liga Sergipana contra o Analfabetismo e do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Vice-diretor e lente Catedrático de Direito Administrativo da Faculdade Livre de Direito Tobias Barreto.

⁶O Bacharel José Luiz Coelho e Campos, nasceu no dia 4 de fevereiro de 1843 e morreu no dia 13 de outubro de 1918. Era filho de José Luiz Coelho e Campos e de D. Carlota Joaquina de Campos, nasceu no engenho de Mata Verde que fazia parte do município de Divina Pastora, hoje atual cidade de Siriri. Estudou Direito na Faculdade de Recife, foi promotor na cidade de Capela, suplente de juiz municipal. Desde cedo se dedicou à política e a advocacia. Foi filiado do partido Conservador, representou a assembleia por três vezes - deputado por quatro legislaturas incompletas, Ministro do Supremo Tribunal Federal e senador. Escreveu alguns discursos, redigiu junto com outros redatores os Jornais O Conservador (1868-1873), A Crença (1873-1874), e o Estado de Sergipe (1889-1890).

colaboradores esporádicos. Compondo o quadro de autores/colaboradores, os políticos Monsenhor Olympio de Souza Campos e Pelino Francisco de Carvalho Nobre.

O Monsenhor Olympio Campos era o dono do periódico aqui estudado. Esse é um personagem importante da história política e religiosa em Sergipe no século XIX. Por tal razão, e por ser proprietário do jornal estudado, merecerá maior atenção.

Olympio de Souza Campos nasceu no município de Itabaianinha (SE) no engenho do Periquito no dia 25 de junho de 1853 e tinha como irmãos Guilherme de Souza Campos e José Zacharias de Souza, sendo filho do coronel José Vicente de Souza e de Porfíria Maria de Souza Campos. Realizou seus primeiros estudos em sua cidade. Posteriormente, mudou-se para a cidade de Estância onde prosseguiu seus estudos. Coursou latim em Lagarto com o professor José dos Santos Bomfim (GUARANÁ, 1925).

Ainda adolescente, transferiu-se para Recife e preparou-se para o curso de bacharel em ciências jurídicas e sociais. Mais antes de concluir os estudos ingressou no Seminário de Salvador e cursou Ciências Eclesiásticas de 1870 a 1873. Ainda muito jovem, sem ter completado a idade canônica, somente ordenou-se em 1877. Tornou-se assistente de vigário na sua cidade natal, posteriormente à vigário de Vila Cristina, atual cidade de Cristinápolis (SE). Foi transferido em 1880 para a freguesia da capital onde exerceu a jurisdição paroquial até 1900. Ingressou no mundo da política, sendo eleito deputado provincial pelo partido conservador em 1882, 1883 e 1884. Foi destaque na luta pelo retorno do estudo religioso nas escolas públicas sergipanas, que havia sido suprimida pelo Marquês Inglês de Souza. Foi eleito deputado geral para a legislatura de 1886-1889. No período monárquico foi eleito deputado a Constituinte do Estado, a qual fora dissolvida pela Junta Governativa. Reelegeu-se para a nova Assembleia e presidiu os trabalhos legislativos (GUARANÁ, 1925).

Organizou no ano de 1890 o partido Católico que teve curta duração. Como deputado colaborou na conclusão da lei fundamental do Estado, de 18 de maio de 1892, e também na lei orgânica estadual. Foi eleito deputado federal em 1893, mandato esse que foi renovado para as legislaturas de 1894 - 1897. Destacou-se como sendo um dos mais resistentes “cabaús” sendo um

dos maiores opositores ao governo do General Valadão (1894-1896). Lutou a todo custo contra a eleição de Martino Garcez já que o mesmo fazia parte de grupo político denominado os “pebas” que era na época os rivais dos “cabaús”.

Como um verdadeiro camaleão, Olympio Campos ainda fundou o Partido Republicano Sergipense (PRS), apoiado por Campos Sales (1898-1902). Foi Intendente de Aracaju por nomeação do governo. Para alguns, é o grande nome da dominação oligárquica em Sergipe, a qual se estendeu por décadas. Como chefe político destacado conseguiu unir os homens de poder e dirigiu os negócios do estado.

Olympio de Campos foi ainda professor licenciado da cadeira de instrução cívica e moral da Escola Normal. Como intelectual estava ligado ao Instituto Histórico da Bahia Escreveu alguns textos de cunho político como Orientação Política de Sergipe (1906)⁷, política de Sergipe aos 50 anos (1904)⁸, o Ensino Religioso na Escola Normal de Sergipe⁹. Destacou-se ainda como jornalista, colaborador redator e fundador de diversos periódicos, tanto no período imperial como nos primeiros anos de República. Além da Gazeta do Aracajú, participou dos periódicos, a Crença, Estado de Sergipe e Folha de Sergipe.

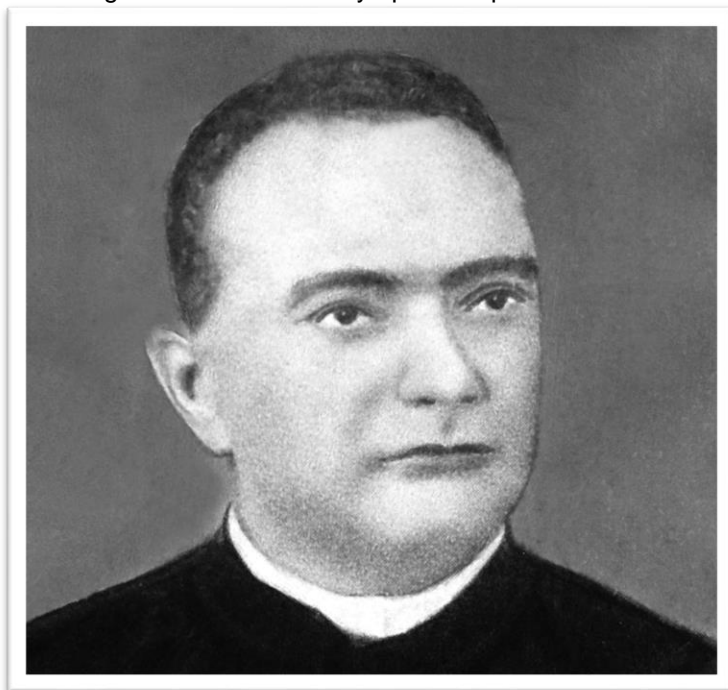
Foi o senhor de toda máquina administrativa no último quarto do século XIX e início do XX, chegando assim ao auge de sua influência e poder quando foi assassinado pelos filhos de Fausto Cardoso. Faleceu na Capital Federal a 9 de novembro de 1906.

⁷Orientação da Política de Sergipe. Resposta ao Sr. Felisbello Freire. Aracaju, 1906, 66 págs. in. 3º pq. Tip. do “O Estado de Sergipe”. Consta dos artigos publicados no “O Estado de Sergipe”, de 21 de fevereiro a 3 de março de 1906.

⁸Política de Sergipe. Aos 50 anos. Resposta ao deputado A. Varela e ao jornalista José do Patrocínio. Aracaju, 1904, 94 págs. in. 8º pq. Tip. do “O Estado de Sergipe”. Reimpressão da série de artigos publicados no “O Estado de Sergipe” de 1 a 8 de maio de 1904.

⁹ O ensino religioso na Escola Normal de Sergipe. Aracaju, 1882, IV-133 págs. in. 8º pq. Tip. da “Gazeta do Aracaju”. É a reedição dos artigos publicados nesse jornal, a começar do número de 23 de julho de 1881, sob o título “À minha província e ao seu atual presidente, o Sr. Dr. Herculano Marcos Inglês de Souza

Figura 5-Monsenhor Olympio Campos



Fonte: IHGS

Embora a princípio se colocasse como noticioso e não agressivo, A Gazeta do Aracaju era um periódico partidário e ligado ao partido conservador. Em sua primeira edição datada de 4 de junho de 1879, apresenta uma crítica a atual administração de Teófilo Fernandes dos Santos, presidente de Província e ligado aos liberais, indicado pelo Imperador Pedro II (GAZETA DO ARACAJU, 1879). Nesse momento a província sergipana passava por graves problemas financeiros, devido à grande seca que acometeu no Norte do Brasil. Esse quadro foi criticado duramente na Gazeta do Aracaju. Ao mesmo tempo, os conservadores aproveitavam-se da situação para engrandecer seus feitos quando de sua estada no poder. Dessa forma, os conservadores afirmavam que nos nove anos em que o partido esteve no poder sempre apoiou a iniciativa individual, fazendo que as portas da prosperidade se abrissem. Afirmavam ainda que mesmo tendo participado de uma guerra estavam restabelecendo as finanças da província.

O corpo editorial do periódico, afirmava-se democrata, voltado a atender os direitos do povo, e combater a hipocrisia dos destruidores que estavam no poder e que surgiam de todos os lados com a promessa de progresso e liberdade para a província (GAZETA DO ARACAJU, 1879, p.1).

Com raras falhas, A Gazeta do Aracaju circulava duas vezes por semana. Diversos eram os temas tratados pelo periódico. Dentre as colunas encontradas temos: Noticiário, Folhetim, Comunicado, Literatura e Anúncios, mais tarde já com cinco colunas apareceram os Editais e a Seção Livre. A edição do jornal manteve quatro laudas durante seu período de vigência.

As notícias versavam, sobretudo, acerca do panorama político. Para além desse tema, apresentam a situação da administração pública da época, nomeações, exonerações, notícias de outros estados da província.

Homens de expressão participavam do periódico. Essa composição já explica o que se lê em Acrísio Torres. A elite sergipana tinha nos jornais uma plataforma de luta partidária que era travada através dos periódicos. Vê-se que o corpo editorial da Gazeta do Aracaju, contava com três políticos - Pelino Brício, Olympio Campos e Coelho e Campos foram políticos militantes, os dois últimos tendo alcançado o senado.

Eram diversas denúncias publicadas em seu noticiário. Na década de 1870, uma destacou-se pela quantidade de textos acerca do tema. Dizia respeito a aprovação do projeto de Orçamento Geral do Estado. Discutia o orçamento da Província nos jornais e acusava os deputados liberais de maquiarem a real situação da província. Dentro desse tema do orçamento criticava também a provação pela Câmara de liberação de uma verba que seria usada pelo Atheneu Sergipense para que o mesmo aceitasse matrículas para os cursos superiores (GAZETA DO ARACAJU, 1797, p.2).

Temas como eleições também eram bastante veiculados, a exemplo da preparação para as eleições de 1878. Segundo o redator, em Sergipe alguns candidatos, que já se movimentavam em torno da eleição que estava por vir. Usando um tom de ironia para com os liberais, dizia que estes prometiam ser salvadores da pátria e que na província existiam candidatos que já nem dormiam mais e que os mesmos teriam se transformado em máquinas de escrever. Mas o que chama mais atenção era o fato do próprio redator (não identificado – sem assinatura), pleiteava ele mesmo uma vaga nas próximas eleições, embora rejeitassem o projeto para a elaboração das eleições diretas (GAZETA DO ARACAJU, 1879).

A passagem acima demonstra duas coisas. A primeira diz respeito aos jornais como importantes veículos na disputa eleitoral e na defesa dos projetos partidários. Em segundo lugar, mostra que a elite que dominava o periódico *Gazeta do Aracajú* e que possuía pré-requisitos para se candidatar, eram eles mesmos, redatores jornalísticos. Isso possibilitava a difusão de ideias e mesmo de calúnias, bem como o uso do veículo de comunicação para fins próprios.

Embora expressasse em sua primeira fase uma posição “democrática”, em 1882 a *Gazeta do Aracajú* assume em seu editorial uma posição abertamente conservadora. E de fiscal das ações governamentais. O jornal de 03 de setembro de 1881, elogiava a ascensão do liberal Sr. Luiz Alves de Oliveira Bello ao poder, e escreve um texto onde mesclava elogios e alfinetadas, e dizia que naquele momento parabenizava-o mais que estava aguardando o desdobramento da sua administração para que assim pudesse censurá-lo ou aplaudi-lo (*GAZETA DO ARACAJÚ*, 1882, p.1).

Era também recorrente a rivalidade entre alguns desses periódicos sergipanos. A *Gazeta* também possuía os seus. Um deles foi o *Jornal de Sergipe* que publicou em uma de suas edições que a *Gazeta* era especialista em fazer intrigas, referindo-se ao episódio em o periódico pede que sejam castigadas as duas autoridades policiais que foram vistas visitando o Sr. Antônio, pois eles tinham ido pedir votos a favor do governo.

Em resposta a *Gazeta do Aracaju* (1880, p.1) faz a seguinte afirmação:

A gazeta não foi ante-verdadeira, porque ella sabe que, na loja do Sr. João Victor de Mattos, na presença de João Cyrillo e outros, o subdelegado declarou que, por causa da denuncia do Democrata, ia pedir votos em carácter Official, acompanhado de ordenança; que na thesouraria Geral, presente o Sr. Major Odorico Barreto, que o interpellava, o delegado confessou seu crime; que ao Sr. Augusto de Magalhães Carneiro o Sr. Prado Pinto declarou ter acompanhado ao delegado e subdelegado, e que estes pediam votos em nome do governo; e finalmente que o mesmo Sr. Augusto ouvia a Camillo José de Sant' Anna afirmar que foi convidado pelo delegado a votar com o governo.

Figura 6—Jornal de Sergipe



Sobre essa questão a Gazeta publica que se vê no direito de vir a público protestar contra o órgão oficial, que reivindicava a favor dos liberais, “o domínio da justiça, do direito e da moralidade, conspurcados pela mão criminosa dos dominadores da passada situação” (Gazeta do Aracaju 4 de junho de 1879). A Gazeta referiu-se ao fato que no governo de Teófilo Fernandes dos Santos, o Jornal de Sergipe foi contratado para ser o veículo oficial do governo.

A Gazeta do Aracaju também fazia oposição ao jornal Echo Liberal, desde a criação deste até o seu último ano de publicação. O Echo era órgão do partido de Sergipe e tinha como chefe e redator J. L. da Silva Lisboa, e o Dr. Guedes Cabral como um de seus principais colaboradores. Como redatores, Lima Junior, que era liberal e defendia a propaganda republicana e Leandro Martins Soares que migrou de Estância para a capital.

Figura 6—Echo Liberal

Echo Liberal

PUBLICAÇÃO
SEMANARIAMENTE
E EM DIAS IMPAR-
TERMINADOS.

ORGAO DO PARTIDO DE SERGIPE
REDACTORES:
UMA COMISSÃO DE CINCO MEMBROS

ASSIGNATURAS
POR ANNO
Capital 103000
Fóta 123000

ARACAJU 22 DE SETEMBRO DE 1877. N. 7

ECHO LIBERAL.
Aracaju 22 de Setembro de 1877.

A VOLTA.

A esta hora talvez experimenta os enfiados do regresso S. M. o Imperador.

As mudas ha muito que se fizeram annunciadas. A corte, conforme nos diz de lá a imprensa, sente já os preludios da recepção official.

O governo tem o ouvido collocado ao telegrapho: e a massa do partido conservador move-se de uma maneira que não se comprehende bem.

Alli, como em toda parte, ha sensivelmente um abalo.

Ha uma ansiedade em todos. Recios, presentimentos, apprehensões, duvida, tudo isso peza surdamente sobre o coração do paiz. Ha como que esse sentimento indefinido que expulsa-se a bordo pela apparição de um ponto negro e longinquo no horizonte, que não se sabe bem se será portador de ventos propicios ou borrascosos, e que só aos velhos mautas, cultivados entre os mysterios dos annos e da vagem, é dado discernir.

Esse misto de desconfiança e de incerteza esmagava a um tempo o governo e o povo.

Entretanto, os prognosticos se cruzam, as conjecturas se multiplicam.

Que surdirá desse desconhecido? que virá com essa nuvem mysteriosa?

E ficam todos a sphynge.

O imperador acaba de passar revista ao mundo. Com a rapidez, embora do velocipede e da electricidade, mesma algumas vezes, S. M. fez a volta dos quattros continentes.

Foi aos Estados Unidos, á Inglaterra, á Scandinavia, á França, á Austria, á Alemanha, á Portugal, á Suissa, á Belgica, á Rússia, á Sagrada-Porta, e ao Egypto. S. M. viajou ainda muito mais.

As chronicas de sua viagem tiradas pela mor parte da penca encyclopaedica do correspondente do *New York Herald*, quasi nos fizeram perder de vista muitas vezes ao imperial viajante. D. Pedro de Alcantara quasi não deixou escapar argano algum conhecido ou reputado no mundo.

Correu nas grandes capitães, rodou nos principaes caminhos de ferro, sulcou as agoras dos mares mais importantes e dos rios mais celebres, sempre nos melhores vehiculos eapparehos de nautica.

Visitou os grandes centros da industria, os tabernaculos do trabalho e do genio moderno, começando pela exposição de Philadelphia.

Viu os portentos do progresso em todas as suas colossaes manifestações: a agricultura em seu maior esmero e vigor, a mechanica em suas mais elevadas e quasi assombrosas formas, o commercio em suas mais solidas e florescentes relações, a arte em seus mais primorosos e fulgurantes perfis, as lettras em suas mais brilhantes conquistas e a sciencia em seus esplendores mais visíveis e magestáticos.

S. M. viu a torre obliqua de Piza e o canal de Suez; o caminho de ferro transatlantico e o canal de Suez; a mistura com as maravilhas do trabalho util elevou e fixou os olhos nos assombros das idades remotas: visitou as pyramides do Egypto e as ruínas do Coixou, o castelo de Edfu, e as magnificas de Edfu.

Foi ás curiosidades de todo genero. Pisou com o pé o solo de todas as jazidas de raridades naturaes: contemplou as obras gigantescas e selvagens da natureza domadas, vencidas pelo genio do homem, convertidas em forças vivas do progresso, em outras tantas artérias da civilização.

Entrou nos grandes centros da intelligencia, nos sanctuarios mais augustos do pensamento humano. Subia ás universidades, ás academias, aos museus, ás vitrinas e aos gabinetes de antiguidades; assistiu aos conselhos nos areopagos das summidades contemporaneas, penetrou as bibliothecas, folheou os grandes mestres, sentou-se á meza dos homens de lettras e conversou com os sabios.

Passando pelos diversos povos, viu-lhes as instituições.

Viu os Estados Unidos e a Suissa no zenith da prosperidade sob o regimen republicano, e a Belgica, felicissima com seu governo democratico; viu a opulenta Inglaterra assentada em seu throno do *self government*, dictando leis á politica européa, e a Italia framulo tranquillamente as primicias soubadas por Cavour. Viu a França rejuvenescendo-se em lucta com a monarchia, e a Hespanha ensanguentada e semimorta, tendo ainda nas fauces um grito de dor, que disputam entre si de todo sopitar—a realceza e o fanatismo. Viu a Alemanha acastellada soberanamente, não já no velho feudalismo de seus famosos barões, mas na intelligencia viril de seus homens de estado. Viu a Russia, como um colosso do Czar, arremeter, por sobre suas galeiras, contra a Turquia—monstruosa tambem em sua servidão ottomana.

Viu, finalmente, povos que se elevam, e povos que se abatem; povos que sobem e se mantem pela comprehensão e pratica da democracia, e povos que declinam pela imbecillidade, fragueza e corrupção dos governos, ou que se victimam inconscientemente como feras, aculadas pela cobiça dos reis e pelos caprichos dos autocratas.

S. M. teve, por assim dizer, diante de si o mappa-mundi da politica contemporanea.

Deverá ter muito colhido, muito aprendido n'essas vivas lições.

E com quanto as narrativas de sua viagem fazem delle uma simples *tournee*, que foi á cata de celebridade á *rol d'oiseau*; e mesmo já annunciasssem até de lá que ia ser impresso o seu livro de *impressions de voyage*, todavia a recreação que buscava S. M., por muito condensada e assidua, havia extenuar-lhe por vezes a fantasia e embolado a alguma couza, para que lhe fosse mister a prezença de scenas novas; e essas scenas, algumas vezes, não poderiam deixar de ser aquellas que offerece a vida politica das nações.

Que nos trará S. M. com que projectos virá em relação ao seu paiz?

S. M. chega entretanto precisamente no periodo mais melindroso desta quadra.

Sahindo talvez calculadamente, para não ser testemunha dos embates por que ia passar o paiz com a nova reforma, quiz assim conjurar uma difficuldade para si; mas vem infelizmente eucontrar a maior e mais temerosa talvez.

S. M. deixará o paiz á beira d'um abysmo: vem eucontrar-o já quasi a meio despenhado. Deixou o esboçamento e encontra a ruína; deixou a mineração e encontra o incendio; deixou a vida apparente, e encontrou a morte real.

Quiz remover um perigo com a sua viagem: não conseguiu senão adial-o e fazê-lo maior.

Constituido chefe d'um partido cuja vida no poder poria por conservar, o imperante tido partidario quiz garantir-lhe talvez a perpetuidade com sua ausencia, confiando em que ella seria bem iniciada assim sob sua direcção através dos mares.

Esse calculo, porem, como todas ascousas ficticias desmoronou-se: o arcabóio galvanizado desfez-se como as mumias do Egypto. Esse partido, por via dessa propria pertinácia contra os direitos da opinião, inutilizou-se.

E que S. M. não adverte que ha tambem na vida social essa couza que chama-se suicidio; e que não é possível conservar a vida a outro quando este trabalha por aniquilar-se.

Desde a questão Maná, que o partido conservador no poder tornou-se uma couza irracional par impossivel. Era uma verdadeira mumia, entidade morta, porque morta começou ali a ficar a sua dignidade, apunhalada perante o paiz pelas mãos do seu chefe presumptivo—o presidente do conselho.

S. M., porem, novo Pygmalio, quiz á força animar a estatua.

Mas esquecia-se de que esta, como a mythologica, tinha em si o germen da propria destruição.

Urgiu um recurso decisivo. S. M. foi viajar, viajar... para instruir-se.... Era quanto bastava para preencher o seu papel.

Viajou.... instruiu-se ás maravilhas.... mas chega sempre por fim de frente com a cruel realidade.

A nação está morta, materialmente morta, moralmente morta tambem.

Ha um deficit no erario publico, como o ha na dignidade nacional.

O povo brasileiro morre á fome no norte, e sente-se rojar por toda a parte ao peso dos impostos. Comprehede que o estão assassinando materialmente, como o tem matado pelo opprobrio.

Vê que uma situação anomala, viciosa e corrupta o esmagava em seu esphacelo. E através das angustias que o dilaceram, tem os olhos fitos sobre os abutres de sua felicidade.

Calhmos até onde era possível cahirmos; descemos até onde era possível decermos. O pavimento raso das degradações não comporta mais nada, depois da sessão na camara de 13 de julho.

O paiz faz bancarrota, e o ministro da fazenda é apontado e convencido de contrabando!

O paiz brada unisono com esta negra verdade.

Os momentos são angustiosos.

E uma vez que é de facto o do direito o poder dos poderes do paiz—que chegue a tempo o imperador.

Vê de perto, Pygmalio, que é feito de tua estatua!

UM TRACO POLITICO
à *rol d'oiseau*.
Sempre o 1868!....
O que fazer se é elle o thema

Sobre o Echo Liberal, a Gazeta afirmava ser um jornal que do início ao fim trazia consigo o mau cheiro e era coberto de imundice, não representa nenhuma bandeira política e muito menos um partido. O mesmo não era nem ao menos um defensor das suas ideias liberais e que seria um mercenário, canalha e sem nenhum pudor. Acrescentava ainda:

Para esse periódico, que é tão órgão do partido liberal como a estátua de Mical e o corpo de David, os argumentos da oposição são sem exame, e com maior leveza causas a que se não devem prestar atenção, que não merecem as honras de uma contestação grave. (GAZETA DO ARACAJÚ, 1874 de 13-11-1880).

Muitas foram as contendas entre os dois periódicos. Em outra ocasião, o Echo Liberal publicou em suas páginas um artigo intitulado *As Gralhas da Gazeta*, era um texto no qual os liberais faziam acusações graves ao periódico. Diante do acontecido a Gazeta escreveu em seu editorial que o público saberia discernir que os redatores da gazeta eram insultados pelos redatores do Echo, que escreviam desaforos e coisas banais, estando distantes da lógica, trazendo notícias falsas a respeito da Gazeta. Esta então desafiava seu oponente, buscando diminuí-lo – “Muitas a obrigamos ao silêncio, e ellas obedeceu-nos” (GAZETA DO ARACAJU, 1880, p.2).

Em contrapartida, O Echo responde a esse e ao fato das acusações acerca da compra de votos, no dia 11 de setembro de 1880, com o seguinte teor:

[...] 1º - A Gazeta do Aracajú, eivada de ódio de tontas, ensaiou uma acusação a ilustre presidência a quem ella de modo algum poude ferir, sendo batida por nós e pelo ilustre colega do Echo Sergipano, que compelimos o órgão dos Srs. Leandro e João Dantas a capitular, e de bom grado ele accendeo, recolhendo-se ao silêncio e não jogando mais a pella.

2º - Agora, porem a derrota foi mais séria, a capitulação mais vergonhosa. O facto denunciado por ella de prevalecerem-se as authoridades policiais d'este termo ao prestigio do cargo para engariarem volantes para a próxima eleição de vereadores e juizes de paz foi completamente destruído, e as próprias testemunhas apresentadas por ella para provar o que avançára serviram-nos de desmetidosolemne à sua asseveração.

Havia ainda jornais da província que na definição do programa de ação, deixavam claro o interesse em manter a neutralidade na luta partidária, decisão aparente no caso do Jornal Popular. Contudo, na prática isso não procedia. E a Gazeta foi um dos seus desafetos. O debate que os dois jornais promoviam em seus editoriais teve como resultado a seguinte definição de Olympio Campos e seu periódico: “dúbio e metafísico o programa do político que comanda a Gazeta do Aracajú”. Ao fazer as duras críticas ainda lamentava o que chamava de “rebaixamento da imprensa sergipana”, afirmando que fazia votos que o seu adversário fizesse apenas o que manda a lei, que tivesse decência ao analisar a vida.

A partir de 1882a Gazeta vinha com a promessa de fazer oposição política ferrenha e em seus editoriais fazia comentários violentos contra as autoridades da província. Afirmava que tentou conforme tinha prometido fazer, manter os debates em um nível superior, conjurando a calúnia e a difamação, mais acabou cedendo devido aos fortes ataques, adotando também a linguagem violenta e ofensiva contra seus adversários, comportamento que era comum em toda imprensa da época (TORRES, 1993). E como se nota, não eram poucos os ataques A Gazeta e seu proprietário.

Nesse sentido, acusa o vice-presidente da Província, o Sr. José Leandro Dantas de ter acusado no Jornal de Sergipe a Olympio Campos e a Gazeta para se defender de sua má administração. O Sr. Leandro acusava a Gazeta de fomentar acusações e calúnias para que seu proprietário chegasse ao poder (TORRES, 1993).

Em resposta a essas acusações a Gazeta faz uma retrospectiva da administração do vice-presidente, e acusa-o de ter nomeado oficial de gabinete por conta própria, de ter comprado algumas propriedades, de empregar durante o seu governo ladrões, acusa-o por fim, de ter deixado a província agonizando em um verdadeiro flagelo (TORRES, 1993).

Já para os amigos, o tratamento dado pelos periódicos é muito diferente. Em 1885 no editorial do dia 22 de março, a Gazeta comemora a nomeação de João Dantas Martins dos Reis, como primeiro vice-presidente da província, e afirma que depois da província sofrer grandes estragos e dos danos sofridos em todos os ramos do serviço público. Afirmava ainda que a província agora estava sendo entregue a um cavalheiro. Em outra edição o

órgão conservador diz que João Dantas foi tirado das máquinas de seu engenho para assumir o cargo de vice-presidente de Sergipe, que o mesmo se mostrou como sendo uma pessoa idônea, para que assim pudesse iniciar na província uma nova era (GAZETA DO ARACAJU, 1885, p.3).

Dito isto, vê-se que o periódico Gazeta do Aracajú foi um dos principais veículos de comunicação da Província e foi dirigido por intelectuais e políticos ligados ao partido conservador. Seguiu o caminho de outros jornais partidários, atacando os inimigos políticos e elogiando e difundido seus correligionários. A violência verbal era tônica dos escritos. A luta era pelo poder político da província.

Por seu lado, Olympio Campos foi um dos mais renomados oligarcas de Sergipe. Durante seu período de prestígio político e de autoridade religiosa, comandou com mão de ferro a política sergipana.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da imprensa remonta ao século XV e esta provocou uma enorme revolução e mudou a história da escrita e da leitura. A consolidação dos periódicos, foi uma de suas consequências. Rapidamente os libelos e pequenos impressos ganharam os centros mais desenvolvidos da Europa e, posteriormente, para outras partes da América.

No Brasil, contudo, devido a censura portuguesa e ao baixo nível de alfabetização da população, a imprensa somente se consolida no século XIX, após a chegada da Corte portuguesa, mas ainda sob o domínio real. Somente após a independência do país, a imprensa desenvolveu-se em várias partes das Províncias brasileiras.

Em Sergipe não foi diferente e em 1832 surge o Recompilador Sergipano. E após essa iniciativa muitos outros jornais despontam em Sergipe, mesmo que muitos deles de forma efêmera. Fonte consagrada hoje, os jornais propiciam olhares acerca dos fatos políticos e socioeconômicos, dentre outros interesses.

Essa pesquisa voltou-se ao periódico Gazeta do Aracajú e procurou apresentar aspectos relativos à sua criação, seus interesses, seus aliados, bem como os enfrentamentos com periódicos rivais. As fontes para a pesquisa foram encontradas na Biblioteca Digital da Hemeroteca da Biblioteca Nacional e do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

A Gazeta do Aracaju pode ser considerado como um dos principais e mais importantes periódicos que circulou em Sergipe no século XIX. A pesquisa nos colocou diante de vários temas que aparecem no periódico durante a sua existência. No levantamento efetuado nos jornais publicados entre o período de 1879 a 1888, se evidencia o jornal como sendo um instrumento de difusões dos preceitos conservador e que procurava combater outras ideologias. A Gazeta desempenhava um papel muito importante na política sergipana. Seus editoriais no geral, exaltavam os conservadores e seus ideais.

Foi combativo, utilizou-se de linguagem violenta, calúnias, difamações, acusações públicas, ataque a governantes não conservadores. Tal

posicionamento, fez com que fosse combatido por muitos órgãos liberais e fosse acusado de realizar “a baixa imprensa”, a “imprensa decaída”.

Entretanto, a pesquisa nos colocou diante de problemas e dificuldades. Apenas algumas edições do jornal estão digitalizadas, e assim correm o grande risco de desaparecer em pouco tempo, pois o material está debilitado e muitos deles já não se consegue ler. Tal fato, ocasiona a perda de uma fonte tão rica e importante do cotidiano da sociedade sergipana. Assim esta pesquisa abre um espaço para que o estudo sobre este e outros periódicos possa ser aprofundado e contribua para a construção da história da imprensa sergipana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros**. In: Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp. 2011.

ABREU, Márcia. **Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros**. In: Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp. 2010.

AMARAL, Luiz. **Jornalismo matéria de primeira página**. 3ed. Rio de Janeiro-Fortaleza: Universidade Federal do Ceara, 2205.

AMORIM, Simone Silveira; FERRONATO, Cristiano. O processo de profissionalização docente e a criação da Escola Normal em Sergipe (1827-1879). **Educar em Revista**. nº 49, 2013. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602013000300012>. Acesso em 06 de fevereiro de 2018.

ARAUJO, Acrísio Torres de. **Imprensa Sergipana**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1993.

BARRETO, Luiz Antônio. **Personalidades Sergipanas**. Aracaju: Typografia Editorial, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A Influência do Jornalismo**; Posfácio In: Sobre a Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997.

BRAGANÇA, Antônio Isidoro da Fonseca e Frei José Mariano da Conceição Veloso: precursores, In: **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora Unesp. 2010.

BRASIL, Bruno. Recompilador Sergipano. **Biblioteca Nacional Digital**, 2015. In: Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/recopilador-sergipano-noticiador-sergipense/>> Acesso em: 06 de fevereiro de 2018.

BRASIL, Bruno. **Recompilador Sergipano. Biblioteca Nacional Digital, 2015**. In: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/recopilador-sergipano-noticiador-sergipense/>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2018.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 2005.

CÂMARA, Bira. **O nascimento da Imprensa, 2009**. Disponível em: <<http://www.debatesculturais.com.br/o-nascimento-da-imprensa>>. Acesso em: 14 dezembro de 2016.

CARVALHO, Daniel; CARNEIRO, Rafael; MARTINS, Helen Fernanda Alves; SARTORATO, Eduardo. **Pesquisa Bibliográfica**. Goiânia, 16 jun. 2004.

Disponível em: <http://pesquisabibliografica.blogspot.com.br>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2018.

CRUZ, Heloísa de Faria. São Paulo em Papel e Tinta: **periodismo e vida urbana** – 1890-1915. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

DANTAS, Ibarê. A Política em Sergipe Provincial (1820-1889). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, nº 46, 2016.

DE LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSK, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006.

EL FAR, Alessandra. **Ao Gosto do Povo**: as edições baratíssimas de finais do século XIX. In: In: Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp. 2010.

FEBVRE, Lucien. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Unesp, 2003.

FERNANDES, Cláudio. "**Invenção da imprensa**"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/invencao-imprensa.htm>>. Acesso em: 23 de janeiro, 2017.

GIOVANNINI, Giovanni. **Evolução na Comunicação**: do sílex ao silício. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1987.

GUARANÁ, Armindo. **Diccionariobio-bibliographico sergipano**. Rio de Janeiro, RJ: s.n., 1925. 280 p.

GUARANÁ, Armindo. **O 1º. Jornal de Sergipe**, setembro de 1832. Antônio Fernandes da Silveira: 1913.

GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. **Jornaes, Revistas e outras publicações periódicas de 1832 a 1908**. Aracaju, 1913.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**. 3ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

JORNAL **Gazeta do Aracaju**, Aracaju, 1879.

JORNAL **Gazeta do Aracaju**, Aracaju, 1880.

JORNAL **Gazeta do Aracaju**, Aracaju, 1881.

JORNAL **Gazeta do Aracaju**, Aracaju, 1882.

JORNAL **Gazeta do Aracaju**, Aracaju, 1885.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LE GOFF, Jacques. "Documento/Monumento". In: **História e Memória**. 5º Ed. Trad. Bernardo Leitão et.al, Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p.525-541.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2005. _____. "A história dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSK, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

LYONS, Martyn. **Livro: uma história viva**. São Paulo: SENAC, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria; **Metodologia do trabalho científica**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográficas, projeto e relatório publicações e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MARTINO, A. SAPATEIRA, A. P. (2006). **A censura no Brasil do século XVI ao século XIX**. Estudos Linguísticos, v.15, 234-243. Disponível em: <http://www.usp.br/proint/download/artigos/artigos_censura_brasil.pdf>. Acesso em: 20 de set. 2017.

MEDEIROS. **A escrita: construção e evolução no tempo**, 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-escrita-construcao-e-evolucao-no-tempo/2009>>. Acesso em 23 de novembro de 2016.

MELO, José Marques de. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MELO, José Marques de. **História Social da Imprensa**: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

MELO, Patrícia Bandeira de. **Um passeio pela História da Imprensa: o espaço público dos grunhidos ao ciberespaço**. Comunicação e informação, V 8, nº 1 pág. 26 - 38. jan./ jun.2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4º ed. São Paulo: Hucitec - Abrasco, 1998.

NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Paz e Terra / Governo do Estado de Sergipe / UFS, 1984.

OLIVEIRA, Vanessa dos Santos. Conflitos Internacionais em Sergipe. **Revista do IHGS**. Aracaju. N. 34, 2005.

RAMOS, Elbênia Marla Silva; NUNES, Ronaldo Linhares. **Imprensa em Sergipe**: Notas sobre as revistas em Sergipe nos últimos anos do século XIX. Universidade Tiradentes, 2008.

RODRIGUES, José Honório. **Teoria da História no Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia Científica**: a construção do conhecimento. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O Adiantado da Hora**. A influência Americana sobre o Jornalismo Brasileiro. São Paulo: Summus, 1991.

SOBRINHO, Sebrão. Monsenhor Silveira: **o fundador da imprensa de Sergipe**. Aracaju: Regina, 1947.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2003. TEXTO- BASE DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2002. Disponível em <http://www.cnbb.org.br>. Acesso em 20 jul. 2016.

SOUZA, Danilo Rodrigues, FILHO, Severino Cabral. **O PERIÓDICO COMO FONTE NA PESQUISA HISTÓRICA: TRABALHO E TRABALHADORES NO JORNAL “DIÁRIO DA BORBOREMA” – CAMPINA GRANDE, 1957-1980**.

THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.